Olá, eu sou **Dan Rosseto**.

É um prazer te receber aqui e compartilhar este trabalho com você.

Antes de começar a leitura, gostaria de apresentar alguns avisos importantes. Agradeço seu interesse na minha obra e desejo uma ótima experiência de leitura!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO DE USO

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO AUTOR!

Esta obra é protegida pela Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais) e demais normas aplicáveis. Seus direitos morais e patrimoniais pertencem ao autor, ressalvadas eventuais licenças ou autorizações expressamente concedidas.

A disponibilização do texto para consulta não implica cessão de direitos nem concede licença para reprodução, adaptação, tradução, publicação, distribuição ou representação teatral, quando tais atos dependerem de autorização prévia, nos termos da legislação aplicável.

Solicitações de autorização para montagem teatral, representação pública, adaptação ou realização de leituras profissionais e acadêmicas deverão ser encaminhadas por meio do site do autor.

Também poderá ser solicitada uma cópia do texto em apenas um dos idiomas, sem a marca-d'água. O fornecimento dessa cópia não constitui, por si só, licença ou autorização para utilização da obra.

Qualquer uso deverá respeitar os direitos morais e patrimoniais do autor, conforme a legislação aplicável.

© Dan Rosseto. Todos os direitos reservados!

www.danrosseto.com

ENQUANTO AS CRIANÇAS DORMEM

Uma peça de Dan Rosseto

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o número 764.309,
livro: 1.482, folha: 351, em 21 de março de 2018.

*Prêmio de Melhor Dramaturgia 2018 / Aplauso Brasil.

"Gosto daquele que sonha o impossível".

PERSONAGENS

KELLY, MARIA DE LOS ANGÉLES

ELLEN, MARIÁH

TOM, NUÑEZ

NICK, THE SPEAKER, SEÑOR CHARUTO, PELAYO, LUKE

STANLEY, ROY, JIMENO, WILSON

FRED SILVEIRA

PANICASH I, HOMEM DO PUB, PINO, O CÃO

PANICASH II, NOVATO, HOMEM PUB, CUCUY, JAVIER, PETER

HOMEM DO ELEVADOR, CAPANGA, SANTOS, MATT

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NOTA DO AUTOR

Querido leitor / encenador: antes de começar a ler e ou trabalhar nesta obra peço que não faça com pré-julgamentos. Embarque na história como quem desbrava um suspense, repleto de reviravoltas e mistérios. Revolte-se com a crueldade das ações e incomode-se pela tessitura ácida dos diálogos. O desejo de interromper a leitura pode e deve vir durante as páginas que se seguem. Faça se for preciso. Mas não deixe de ir até o fim dessa narrativa que considero um antimusical tragicômico, onde a heroína é um ser humano com toda a ambiguidade que nós cultivamos. Há espaço para um romance que se desintegra pela nula afetividade e que provoca uma carência latente. Uma antagonista vende sonhos em troca do remorso, sem saber que será a maior vitima do seu jogo. Personagens se espalham por toda a peça e ajudam a contabilizar nossas catarses, potencializando nossas fantasias e pesadelos mais secretos. Esta é uma peça que fala dos sonhos que acumulamos durante a existência. Realizá-los requer uma dose de coragem, ousadia e sorte. Acordar para a realidade é aceitar o NÃO como uma lâmina que fere a carne fazendo-a sangrar. Sonhe! Quando crianças nos permitimos, em fantasia, ser quem desejamos, sem culpa ou julgamento moral. Sonhe! Somos humanos e todo ser humano é um estranho ímpar. Sonhe!

BASEADO NUMA POSSIBILIDADE REAL.

ATO 01 – '*SONHOS'*

Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos

*Breu total. Ouvimos a voz de uma mulher. Vamos chamá-la de **KELLY**, mas ela pode ser qualquer uma, com outro nome, morando em qualquer parte do mundo; uma típica sonhadora e que vive uma fantasia paralela a dura realidade. Ela começa a falar com toda calma que lhe pertence em seu desgraçado mundo particular. A ausência de luz é total!*

> **KELLY–** Eu sempre quis trabalhar no teatro. Quando criança eu tinha certeza, que um dia eu me tornaria alguém importante. Eu sempre tive muitos sonhos e fui uma romântica, porque acreditava que todas as minhas fantasias se realizariam. Então eu passava horas sonhando. Com o passar dos anos eu deixei de falar sobre isso. Me diziam que eram apenas devaneios, imaginação; mas naquela época eu acreditava neles com todo o meu coração. Sonhos realmente se tornam realidade? Quando eu ficava triste, escapava para dentro da minha mente, onde eu podia ser outra pessoa. Eu era feliz... e aquelas pessoas ainda não sabiam quem eu seria... nem eu sabia! Mas eu tinha certeza, que um dia, mesmo que demorasse, todos iriam se lembrar de mim.

Ainda no escuro total ouvimos aplausos intensos.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

CENA 01 – DEPOIS DO EXPEDIENTE.

*Ouvimos o instrumental de **SOMEWHERE OVER THE RAINBOW**. A luz acende em resistência. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos na "LANCHONETE MAIS IMUNDA DA CIDADE". No centro do palco está uma mulher com aparência de trinta anos – um pouco mais, um pouco menos – isto não importa. Ela está vestida com uma roupa que a identifica como uma atendente de uma rede de fast-food (calça, camisa bordada, tênis vermelho, uma touca que prende seus cabelos, além de uma atadura numa das mãos...) e que segura um esfregão. Há no espaço baldes espalhados e outros esfregões (que deverão ser utilizados para a limpeza por outros personagens). **KELLY**, está com o pensamento em outro lugar e deveria estar limpando o chão do local onde trabalha junto de outros funcionários, mas por enquanto apenas a mulher se faz presente. Aqui já entendemos que **KELLY**, fã do gênero musical, irá criar momentos de fantasia. Ela está com um fone de ouvido sentindo-se como Judy Garland interpretando Dorothy em "O Mágico de*

Oz". Ela segura o esfregão enquanto canta em inglês, trechos da música. Com nenhuma experiência e expressividade ***KELLY****, entoa a canção (não há expectativa de que algo lhe aconteça), mas o sonho é uma fuga de sua realidade desgraçada por uma vida sem qualquer expectativa que não seja: fritar hambúrgueres na chapa quente, servir batata frita, atender clientes mal-educados e ou limpar o chão. O tempo em que a mulher executa a canção é muito pequeno, não dando espaço para coreografia e ou outro tipo de dança. Ela segura o seu esfregão como se fosse um apoio para não despencar. Aos poucos, três homens aparecem em cena, todos paramentados com as mesmas roupas de atendentes do fast-food.* ***TOM*** *é o namorado da moça,* ***NICK*** *um adolescente que não atingiu a maioridade e está em seu primeiro emprego (este carrega uma caixa de acrílico repleta de moedas, e* ***STANLEY*** *o gerente do local, um homem que tem problema numa das pernas e usa uma haste de ferro e ou bengala para facilitar a sua locomoção. O gerente interrompe* ***KELLY*** *chutando um balde em sua direção.*

STANLEY– Você deveria estar trabalhando Kelly.

KELLY– Eu me queimei na chapa.

TOM– Machucou?

NICK– Fritando hambúrguer, eu vi!

STANLEY– Semana passada você escorregou no meio do salão, no caminho do balcão até a mesa e fez um corte na perna antes de entregar a bandeja para um cliente.

KELLY– O piso estava escorregadio.

STANTELY– Enquanto isso uma criança esperava ansiosas pelo sanduíche e o brinde especial.

KELLY– O chão estava molhado.

STANELY– Por sorte o Nick estava por perto e segurou a bandeja.

KELLY– E me deixou cair.

NICK– Primeiro o rendimento, depois o funcionário.

STANLEY *ri concordando.*

TOM– E se a Kelly fosse mais cedo para casa?

STANLEY– Ela precisa cumprir o turno.

TOM– A gente dá conta da limpeza.

STANLEY– Ela vai cumprir o turno.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NICK– Ela limpa o chão, nós organizamos as cadeiras. Ela organiza os papéis no banheiro, nós organizamos os...

TOM– Ela se machucou!

STANLEY– Você recebe menos de dois dólares por hora trabalhada e ainda quer dispensa?

TOM– Eu tiro do meu e pago para ela.

NICK– Não é a norma da empresa.

STANLEY– Não é a norma! Muito bem Nick.

TOM– Semana passada ela levou seis pontos na perna, hoje queimou a mão na chapa...

NICK– Teve o episódio da intoxicação alimentar.

STANLEY– Vamos relembrar, por que essa palhaçada serviu de lição para os demais. Abre aspas: “Kelly, recebe vale alimentação com bebida e sobremesa como pagamento pelo seu serviço. E Kelly, enjoada da mesmice vai até o estoque e come o que não foi liberado no momento da sua contratação. Então Kelly, que comeu além do que cabia em seu estômago, passa três dias vomitando e defecando”. Fecha aspas.

NICK– Até mesmo na frente de cliente, eu vi!

STANLEY– Eu perdoei e não levei o caso adiante.

TOM– Comida vencida no estoque. Certamente ia sobrar para você.

STANLEY– Tom, eu acho melhor você moderar o tom!

TOM– Eu só estou tentando ajudar, ela precisa ir para casa e...

KELLY– Eu não quero ir embora!

STANLEY– Ajudar uma lerda, distraída... Que mais eu poderia dizer?

NICK– Incompetente.

STANLEY– Lesma!

NICK– Molusco gastrópode da família dos limacídeos no mundo animal. No nosso mundo é como dizer que você é lerda!

STANLEY– E você está tentando me convencer que uma incapacitada para a função precisa de defesa quando as circunstâncias não justificam os seus atos.

KELLY– Eu prometo que isso não vai acontecer mais.

STANLEY– E mesmo assim eu passo uma borracha em cima de todas as suas cagadas e te mantenho empregada.

KELLY– Eu não vou mais causar problemas.

CONSULTE DIRETO EDITORAL

STANLEY– Um problema é a chance que você tem de mostrar o seu melhor.

Um tempo breve se estabelece sem que ninguém diga uma palavra.

STANLEY– Lava com água e sabão; e enrole num pano limpo.

KELLY– Já fiz isso.

STANLEY– Então volte ao trabalho. O que você está esperando?

KELLY– Era o que eu fazia antes de você me jogar um balde...

STANLEY– Com razão! Você estava parecendo uma tonta segurando o esfregão e tentando cantar em inglês uma merda que ninguém...

TOM– Pega leve Stanley.

STANLEY– Eu sou o gerente!

NICK– Um direito que o confere.

STANLEY– Cantando uma merda que ninguém é obrigado a ouvir.

KELLY– Ok, obrigada.

STANLEY– É assim que eu gosto. Disciplina!

TOM– É melhor cada um fazer o seu trabalho...

STANLEY– Querendo me dar ordens Tom?

TOM– Eu só estou tentando esquecer o que aconteceu, terminar o que eu tenho que fazer e ir para casa.

NICK– Vinte minutos e um salão todo para limpar, é que resta.

TOM– Pouco tempo para limpar essa imundície.

STANLEY– Eu não tolero vagabundos. Lembrem-se do sonho de vocês. É para isso que trabalham.

***NICK**, **KELLY** e **TOM** começam a limpar o espaço. **STANLEY** prossegue.*

STANLEY– Isso é um fast-food! As pessoas vem aqui para comer, mortas de fome, loucas por um cheeseburguer com refrigerante de setecentos ml, batata grande para acompanhar e um sundae de chocolate ou um delicioso milk-shake para adoçar a merda da vida que levam. Nós saciamos este desejo! Elas consomem, pagam e vão embora para suas casas satisfeitas. É um trabalho muito sujo. Mas cabe a nós limpar e começar tudo no outro dia.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NICK– Ok, obrigado.

KELLY– Ok, obrigada.

STANLEY– Tom...?

TOM– Esse lugar é nojento. Eu cansei de fritar hambúrguer podre. A maioria dos pães está vencida e as caldas dos milk-shakes são misturadas com água da torneira. Esse uniforme é quente. Não se pensa no funcionário, muito menos no cliente, só no dinheiro. O dono disso aqui não fica rico com o que ganha, mas com o que poupa.

STANLEY– Nós temos falhas, mas o que se pode esperar de uma grande rede de fast-foods? Esse negócio é como andar de bicicleta. Ou você se move, continua indo em frente, ou cai. Minha falecida vó – que Deus a tenha num bom lugar, porque aquela era uma desgraçada de marca maior – ela tinha um ótimo ditado para gente como você que cospe no prato que come. Ela dizia: “os mortos recebem mais flores do que os vivos porque o remorso é mais forte que a gratidão”. Você está sendo ingrato, não comigo, mas com a corporação, que te mantém empregado. *(DEPOIS DE UM TEMPO BREVE)* Voltem ao trabalho!

NICK– Ok, obrigado.

KELLY– Ok, obrigada.

TOM– Ok, obrigado.

STANLEY *se afasta dos demais e com uma prancheta em mãos começa a organizar o estoque conferindo quantidades e validades.* ***NICK*** *deixa a caixa com moedas num canto e começa a organizar o espaço de forma assertiva.* ***TOM*** *e* ***KELLY*** *pegam o esfregão e os baldes e seguem para o canto oposto. O homem puxa assunto.*

TOM– Você não devia aguentar tudo calada. Denuncia e acaba com isso de uma vez. O Stanley precisa aprender e tem que ser...

KELLY– As mesas na área de aniversário ainda estão sujas.

TOM– Kelly, eu não gosto quando vejo você permitir que eles te tratem dessa maneira.

KELLY– Eu não me importo! Eu preciso desse trabalho, eu não tenho alternativa.

TOM– É claro que tem! Você pode arrumar coisa melhor.

KELLY– Porque você não faz o mesmo; se tem tanta certeza de que para mim a vida pode sorrir fora daqui.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Eu tenho passagem pela polícia, cumpri pena. Minha ficha é suja.

STANLEY *intervém de longe como se desse um recado geral.*

STANLEY– Não sou eu quem pago seu salário. É o freguês que paga o que você ganha. Limpem a sujeira dele cara feia.

NICK– Ok, obrigado.

KELLY– Ok, obrigado.

TOM– Ok, obrigado.

KELLY *sente uma fisgada no local da queimadura.*

TOM– Você vai para casa, eu cuido das coisas por aqui. *(PARA **STANLEY**)* Stanley a Kelly vai para casa!

STANLEY– Quando acabar.

TOM– Ela se machucou.

STANLEY– A vida não é justa. Ande logo com o que você tem para fazer.

NICK– Já vou avisando que eu não vou fazer o seu trabalho.

TOM– Vocês deviam ter vergonha de contratar menor de idade. O Nick se arrisca o tempo todo em troca de um salário de bosta.

NICK *tira um memorando do bolso e começa a ler em tom formal.*

NICK– A empresa tem orgulho de ser a porta de entrada de milhares de jovens no mercado de trabalho e julga improcedentes as acusações.

STANLEY *prossegue com o discurso começado por* ***NICK.***

STANLEY– A rede se defende de toda e qualquer acusação, pois entende que as atividades citadas não são perigosas. Faz parte da missão da empresa a contratação de jovens iniciando-os no mercado profissional. Ponto final!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

STANLEY *dá uma cabeçada no nariz de* ***TOM****. O rapaz imediatamente vai ao chão urrando de dor, enquanto* ***NICK*** *apenas observa.* ***KELLY*** *abaixa-se para ajudar o homem que agoniza. O gerente num ato falho começa a tocar seu órgão sexual por cima da calça excitando-se.*

STANLEY– E pensar que toda essa confusão foi causada por uma mulher. Isso que dá empregar essas vadias... Aos poucos estão se instalando em tudo quanto é lugar.

TOM– Você é um escroto, um escroto!

STANLEY *dá um pontapé na região do saco escrotal de* ***TOM*** *que agoniza ainda mais.* ***KELLY*** *está atônita enquanto* ***NICK*** *ri divertindo-se.*

STANLEY– Nick, me alcança essa caixa de moedas, por favor.

NICK *entrega a caixa para o homem assertivamente.*

STANLEY– Peça desculpas Kelly, ou então eu vou pegar essa caixa de moedas e bater sem dó na cabeça dele. E eu não vou sossegar enquanto não ver a fuça do seu namoradinho – vocês têm um caso não tem – tem sim que eu sei! A rede não permite namoro, intimidade e outros afins. Eu vou socar tanto a cara dele com essa caixa até ele ficar à beira da morte. Ou seu... namorado! E me diz uma coisa Kelly, vocês trepam? Ele fode você com força? Fode vadia, fode?

Durante o texto ***STANLEY****, solta a caixa e passa a se esfregar na moça que não se move, permitindo o assédio.* ***TOM*** *que está no chão, não tem forças para reagir.* ***NICK*** *observa atendo.* ***STANLE****Y prossegue com o texto enquanto se aproxima de* ***KELLY*** *esfregando seu pênis na moça. Ele abusará sexualmente dela enquanto diz o texto abaixo.*

STANLEY– Como é que você gosta? Tem alguma preferência ou pode entrar em qualquer lugar? Sabe Kelly, eu tenho prática nisso e prometo que não vou deixar doer, mas também se estiver doendo, foda-se! Eu estou pensando no meu prazer e não no seu. E também não é a primeira vez que isso acontece entre nós, não é baby? Diz para todo mundo que você e eu já nos conhecemos... intimamente.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

*A medida que sofre o abuso sexual, a mulher não solta um gemido sequer, e sua expressão é fria. Ao terminar o ato **STANLEY** tira um canivete para ameaçar os homens a fazer o que ele determina.*

STANLEY– Agora é a sua vez Nick. Vai fundo garoto e aproveite que eu estou dando de cortesia. Está usada, é verdade, mas vai ser mais fácil porque já está larguinha e lubrificada.

*De forma obediente **NICK** atende o desejo de **STANLEY** e rapidamente monta em cima de **KELLY** e começa a abusar sexualmente da moça. **STANLEY** abre a caixa de moedas e começa a separar o dinheiro, sem perder a atenção no que está acontecendo. **TOM** aos poucos recupera a força, ainda que esteja muito machucado. Ao final **NICK** desmaia em êxtase para o lado. **STANLEY** prossegue apontando o canivete para **TOM**.*

STANLEY– Agora é a sua vez Tom! Eu quero ver você fodendo a sua namoradinha na minha frente. Quero uma trepada completa, com tudo o que eu tenho direito, porque eu vou pagar.

***STANLEY** joga uma moedinha em direção ao casal.*

STANLEY– Eu sei que ela está suja, mas não leve isso em consideração.

***STANLEY** prossegue com a humilhação verbal e joga mais moedas. O gerente também ameaça **TOM** com o canivete. **NICK** tira o celular do bolso e começa a gravar o que consegue.*

STANLEY– Eu pago! Quanto você quer? Pode falar!

***STANLEY** joga mais moedas enquanto **TOM** não tem reação.*

STANLEY– Coragem Tom! Encare isso como um treinamento, ou uma espécie de bonificação. Faz o que eu estou mandando!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM *atendo ao pedido do gerente e parte para o ato sexual. A cena deve ser trabalhada de modo a indicar que sensações como raiva, ódio, dor moral e física estão embutidas no sexo.* ***KELLY*** *que ficou impassível durante o ato com* ***STANLEY*** *e* ***NICK****, aqui demonstra desconforto, como se estivesse sofrendo a maior de todas as violências. A cena deve seguir por um tempo até que* ***TOM*** *cansado e se comportando igual um animal, termina de transar com a namorada.* ***TOM*** *levanta-se e vai em direção a* ***STANLEY*** *com ódio estampado no olhar. O gerente segue jogando moedinhas e diz frases como: "muito bem" ou "você é o funcionário do mês", "vou providenciar a sua foto e colocar bem acima do caixa". Ou frases cruéis como: "uma criança com tumor maligno sem tratamento" e "um tijolinho a menos para construir um novo hospital". Em seguida arremata assertivo.*

STANLEY– Você está demitido! Pegue as suas coisas e vá embora. Amanhã é seu dia de folga, eu terei tempo para pensar numa ótima desculpa do porquê eu tive que demitir você.

TOM *está em estado de choque.* ***KELLY*** *aos poucos começa a se levantar.* ***STANLEY*** *termina de distribuir as moedas. Dá três ou quatro para* ***KELLY****, um pouco mais para* ***NICK*** *e fica com a maior parte enchendo os bolsos.*

STANLEY– Quanto a você Kelly, fica tudo como está. Amanhã as dezesseis horas.

KELLY– Ok, obrigada!

STANLEY– Venha limpinha que eu vou precisar de você até mais tarde.

STANLEY *e* ***NICK*** *se preparam para sair.* ***TOM*** *não consegue dizer uma palavra e permanece imóvel como se fosse ele o estuprado.* ***KELLY*** *pega o esfregão e ergue-o em direção ao alto. Os homens estranham.*

KELLY– Por que a gentileza é o lado mais áspero da lixa?

Ainda com o esfregão no alto, como se fosse a vassoura da bruxa má do Leste, a mulher fecha os olhos e solta uma nota musical agudíssima. Os homens riem estranhando, mas voltam a sua atenção para ela. ***KELLY*** *prossegue.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

CENA 02 – TRÊS HOMENS GENTIS.

*Ouvimos os acordes de uma música instrumental. Aqui teremos o primeiro devaneio da mulher, um sonho que **KELLY** entrará sempre que estiver diante de uma situação difícil e dolorosa. Aos poucos a luz de modifica ganhando um tom não realista aproximando em imagem e semelhança com a iluminação de um musical da Broadway. De forma sutil, **NICK**, **TOM** e **STANLEY** (transformados fisicamente pela cena anterior, com sangue no rosto, machucados suados), automaticamente passam a fazer parte do sonho da mulher, transformando-se em figuras gentis e farsescas – estereótipos do "bom moço" – com sorrisos e gestos exageradamente gentis. Esta cena será um resumo compactado da cena anterior, mas do ponto de vista romantizado e lúdico da personagem. A medida que disparam os textos, os atores movimentam-se pelo espaço em situações cotidianas e que remete a organização e limpeza do local, utilizando esfregões e baldes.*

KELLY– É pedir muito que vocês sejam gentis comigo rapazes? Ao menos uma vez?

STANLEY– Você deveria estar trabalhando mocinha!

TOM– Ela se queimou na chapa, uma desastrada!

NICK– Fritando hambúrguer!

STANLEY / TOM / NICK– Igual a Kelly não há!

KELLY– Puxa, isso arde!

STANLEY– Eu disse para ela se cuidar, que este é um trabalho pesado e deve ser feito por mim.

NICK– E por mim!

TOM– E por mim!

KELLY– Quanta gentileza, little boys.

STANLEY– Ser gentil é o lema da rede.

KELLY– Se todos fossem amáveis uns com os outros, os relacionamentos seriam humanos. Quem pratica a gentileza não tem má vontade.

TOM– A gentileza é a essência do ser humano.

NICK– Quem não é suficientemente gentil...

STANLEY– Não é suficientemente humano.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

*A música cresce gradativamente a mudança de luz. A letra da canção **O NOME DELA É KELLY** foi escrita originalmente para esta peça e o número (cena) deve ser idêntico aos números de musicais da Broadway.*

KELLY **[TODOS]**
O NOME DELA É KELLY
SE FOR PRECISO
CHAME A KELLY
HUMANO ASSIM NÃO HÁ
DESATENTA
ATRAPALHADA
UMA LESMA
UMA TAPADA
BURRA E LENTA **[KELLY]**
É UMA ANTA **[TODOS]**

KELLY– Eu sou uma otária!

SÓ PODE SER A KELLY **[TODOS]**
SER FOR PRECISO CHAME
A KELLY
HUMANO ASSIM NÃO

KELLY– Gentileza só é gerada por nobres de espírito como vocês.

SÓ PODE SER A KELLY **[TODOS]**

KELLY– Grosseria qualquer espírito de porco exala.

O NOME DELA É KELLY

*Aqui precisamos da ação da mulher se desequilibrando e quase caindo, quando **STANLEY** e os outros rapazes a amparam assertivamente.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

STANLEY– Se não fosse pela minha rapidez você ia escorrer no chão mocinha!

TOM– Eu bem que tentei ser tão gentil, igual a você Stanley.

NICK– Mas o Stanley chegou antes.

TOM / NICK– Droga! Sempre ele!

STANLEY– Primeiro a Kelly, o rendimento que se foda!

Todos fazem cara de espanto com mimeses exageradas. ***KELLY*** *repreendo o homem de forma assertiva. Ele então corrige o palavrão.*

STANLEY– O rendimento que se... dane!

KELLY– Muito melhor! Muito melhor!

O NOME DELA É KELLY **[TODOS]**

TOM– Me deixe ver a sua queimadura.

STANLEY– Ah! Sim, a queimadura.

NICK– Puxa! Deve arder, não é mesmo?

Os três analisam a queimadura da moça com expressões farsescas e textos.

STANLEY– Acho prudente que a Kelly vá ao médico.

KELLY– Rapazes! Não se preocupem comigo, eu vou ficar bem.

NICK– A Kelly é uma fortaleza.

TOM– Uma rocha.

STANLEY– Você vai agora mocinha!

NICK– E isso não é um pedido e sim uma ordem!

STANLEY– Boa Nick!

TOM– O Nick é mesmo um puxa saco tão gentil.

KELLY– Eu não quero ser ingrata com a rede que cuida tão bem de mim.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Os três tiram rosas dos bolsos ou de outro local e entregam para a mulher.

KELLY– Oh! Que gentis que vocês são!

STANLEY / NICK / TOM– Os mortos recebem mais flores do que os vivos porque o remorso é mais forte que a gratidão.

STANLEY– Dizia a minha amada avó.

NICK / TOM– Que vovó amorosa!

STANLEY– Me desculpe por seu tão mau!

TOM– A mim também!

NICK– Eu peço o seu perdão.

STANLEY– Mas agora eu preciso ser muito grosseiro com você.

NICK– Mas este não é um momento de gentileza?

STANLEY– Muito bem lembrado Nick. Mas eu prometo não ser demasiadamente monstruoso.

KELLY– Seja como for, eu estou pronta.

VOU SER GENTIL COM ELA	**[TODOS]**
CHEGOU A HORA DA KELLY	
ELE É BANDIDO	**[STANLEY]**
SOU CARRASCO	
ELE É UM TONTO	**[TOM]**
EU SOU UM TONTO	**[NICK]**
EU SOU FICHADO	**[TOM]**
E JÁ FUI PRESO	
NA CADEIA	**[NICK]**
EU CUMPRI PENA	**[TOM]**
QUAL FOI A PENA?	**[STANLEY / NICK]**
ARTIGO TRINTA E TRÊS	**[TOM]**
DIGAM TRINTA E TRÊS	
TRINTA E TRÊS	**[NICK]**
TRINTA E TRÊS	**[STANLEY]**
A IDADE DE CRISTO	**[KELLY]**

CONSULTE DIREITO AUTORAL

VOU SER GENTIL OH KELLY **[TODOS]**
CHEGOU A HORA DA KELLY

STANLEY, ***NICK*** e ***TOM*** *cercam a mulher para a repetição da cena do abuso.*

VEM CÁ MEU BEM **[STANLEY]**
VAI LÁ MEU BEM **[TODOS]**
QUERO UM FAVOR **[STANLEY]**
FAÇA O FAVOR **[NICK / TOM]**
NÃO VAI DOER **[STANLEY]**
NÃO VAI DOER **[NICK / TOM]**
É SÓ AMOR **[STANLEY]**
É SÓ AMOR **[NICK / TOM]**

STANLEY *prossegue com o texto.*

STANLEY– Satisfeita?

GHEGOU A HORA DA KELLY **[TODOS]**
O NOME DELA É KELLY
A GRANDE ESTRELA
SERÁ KELLY
BRILHANDO NO NEON

STANLEY– E não se esqueça: amanhã ás quatro da tarde. Venha para um dia feliz.

KELLY *aos poucos se refaz para ir embora. Os homens saem de cena.* ***KELLY*** *monta em sua bicicleta. A música aumenta à medida que a cena prossegue.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

CENA 03 – O PIOR QUARTO DO MUNDO OU EU SOU FÃ DO FRED SILVEIRA.

Aos poucos o cenário vai transformando-se no quarto de ***KELLY****. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos no "NO PIOR QUARTO DO MUNDO". Uma cama e um armário entram no palco, além de um panelão de luz para completar o ambiente e uma prancha velha de tábua colocada à frente da cama (onde a mulher treina sapateado).* ***KELLY*** *estaciona sua bicicleta ao lado do armário. Ela tira o tênis e guarda. Em seguida tira a camiseta jogando-a em cima da cama, ficando apenas de calça e sutiã. Na porta do armário vemos um pôster do ator* ***FRED SILVERA****, de quem* ***KELLY*** *é fã. Ela beija o pôster e fita-o olhando com delicadeza. Em seguida tira do bolso de sua calça um maço com dinheiro e as moedas que ganhou do gerente e guarda-as num cofre e devolve-o no armário. A mulher desabotoa a calça, despe-se e guarda o seu uniforme. Imediatamente ela pega uma camiseta preta, onde conseguimos ver em letras garrafais a palavra BROADWAY e veste-a. De dentro do armário* ***KELLY,*** *pega um sapato de sapateado e calça-o rapidamente. Ela vai até a prancha e começa a ensaiar passos. A medida que ela ensaia, olha para o pôster buscando aprovação do seu ídolo que sorri congelado na imagem. Isso a satisfaz, ainda que o seu sorriso tímido faça com que ela não mostre os dentes. Aos poucos ela começa a conversar com o pôster.*

KELLY– Eu ainda estou aprendendo, não vale rir. Eu vou fechar o armário e te trancar lá dentro, assim você não vê o desastre que eu sou. Sabia que eu decorei o dia que você nasceu: 20 de dezembro de 1972... Acertei, não acertei? Não me olha com essa cara que eu fico sem graça. Fred... Frederico! Eu acho Frederico sério demais para você. Eu prefiro Fred! Fred Silveira! Eu já te disse quando foi que eu comecei a gostar de você? Foi quando eu te vi atuando em "Godspell" no papel de Jesus.

KELLY *se aproxima do pôster de forma romântica.*

KELLY– Você cantava: "O mundo de maldade, o mundo sem perdão". Eu fui numa matinê de um sábado. Fila "D", poltrona 04. Vai ver foi por isso que eu fiquei realmente de quatro por você. Eu te esperei na saída e não é que você existia! Você sorriu, segurou meu queixo, ergueu e disse: Qual o seu nome? Kelly, eu falei! Você viu, com aquele sorriso que só você tem. Antes de ir embora, você virou para todo mundo que estava te esperando e falou: "nunca desistam dos seus sonhos, um dia a gente trabalha junto".

CONSULTE DIREITO AUTORAL

A mulher parece realizada, como se aquele momento a satisfizesse por completo. Quando ela se dá conta, ***TOM*** *aparece em seu quarto. O homem está com outra roupa e um curativo no nariz.* ***KELLY*** *é assertiva.*

KELLY– O que você está fazendo aqui?

TOM– Eu vim te ver...

TOM *se afasta para outro canto da cena.* ***KELLY****, coloca uma calça para esconder as pernas e vira a camiseta ao contrário com vergonha da estampa chamar atenção do rapaz. Enquanto isso eles continuam a conversa.*

TOM– Eu passei no hospital antes. Estava lotado, eu quase desisti.

KELLY– Como você entrou?

TOM– Eu usei um pedaço de arame e abri a fechadura.

KELLY– Eu preciso aprender a fechar portas.

TOM– Eu queria te ver.

KELLY– Você já pode entrar.

TOM *entra no quarto novamente. A mulher já de vestiu por completo e guardou embaixo do seu colchão a tábua que usou para treinar o sapateado. Eles conversam sem se olhar. O jogo de palavras é dinâmico e* ***TOM*** *é assertivo.*

TOM– Eu trouxe um presente.

TOM *entrega um anel para a mulher. Sem mesuras, simples assim.*

TOM– Eu achei hoje, perdido numa das mesas da lanchonete. Alguém deve ter esquecido então eu resolvi te trazer. Tem uma frase gravada.

KELLY– “Tudo o que eu sempre sonhei”.

TOM– Eu vim para te pedir desculpas, o anel foi só um pretexto. Eu não devia ter feito aquilo com você. Eu sei que quem se desculpa na verdade está se acusando, mas se eu fiz o que fiz você me deu motivos.

KELLY– Há coisas que não mudam, só porque você pediu desculpas.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM *segue em direção ao guarda roupa de* ***KELLY****.*

TOM– É aqui que você esconde suas riquezas?

KELLY– Não interessa!

O rapaz vê a foto do ***FRED SILVEIRA*** *no armário e indaga com estranheza.*

TOM– Quem é esse cara?

KELLY– Ninguém!

TOM– Deve ser, porque eu mesmo nunca vi.

KELLY– Você não conhece o Fred Silveira**?**

TOM– É artista?

KELLY– O melhor do mundo.

TOM– E o que ele fez?

KELLY– Musicais!

TOM– Tipo o Ricky Martin?

KELLY– Igual, só que diferente.

TOM– E você conhece ele?

KELLY– Mais do que ele imagina.

TOM– E ele te conhece?

KELLY– Menos do que eu gostaria.

TOM– Sabe que eu estou achando ele até parecido comigo!

KELLY– Com você?

KELLY *começa a rir e sai de perto de* ***TOM****. Ela senta-se na cama.*

TOM– Você é mesmo vidrada nessa parada de musical.

KELLY– Desde criança. O primeiro filme que eu vi fio “O Mágico de Oz”.

TOM– Eu acho esquisito. As pessoas começam a cantar e a dançar de repente! Eu não começo a cantar e dançar do nada.

KELLY– Essa é a magia!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Você precisa tomar cuidado na lanchonete. O Stanley está de olho em você.

KELLY– Eu preciso daquele emprego. Eu estou juntando dinheiro para fazer um curso de teatro.

TOM *é assertivo com a moça.*

TOM– Você devia largar mão dessas besteiras e se arrumar de vez na vida. Eu também preciso fazer a mesma coisa. Você quer beber?

KELLY– Não!

TOM– Bebe! O álcool tira as ilusões.

KELLY– A ilusão é que me mantém viva.

TOM– E se eu voltar a ser um fora da lei?

KELLY– Não fala uma coisa dessas nem por brincadeira.

TOM– As pessoas fazem coisas por necessidades. Ou por um sonho...

TOM *continua o assunto sem pensar.*

TOM– Qual o teu sonho? Aquele que você não conta para ninguém.

KELLY– Meu sonho é ir para a América e me tornar alguém importante até chegar a Nova Iorque e por fim na Broadway. Deve ser muito bom morar nos Estados Unidos da América.

TOM– Eu não sei por que gringo tem mania de falar que mora na América. A gente também é americano, porra! América: uma terra de imbecis que mandam seus homens para morrer na guerra!

KELLY– É por isso que eu adoro os musicais. Neles nada de horrível acontece. As pessoas cantam e dançam quando tem problemas. E todo mundo é feliz.

TOM– Eu e você devíamos ir para um lugar onde não existam problemas.

KELLY– Um lugar onde não existem problemas? Você acredita que existe um lugar assim?

TOM– Deve existir. Tem que!

TOM *oferece a bebida novamente. Ela rejeita, ele bebe mais um pouco.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– Quando eu me sinto diante de uma situação ruim, eu fecho os olhos e tudo se transforma ao meu redor.

TOM– Você pode fazer isso agora?

KELLY– Só quando eu estou muito triste.

TOM– E você está?

KELLY– Agora?

TOM– É!

KELLY– Não muito.

TOM *puxa outro assunto rapidamente.*

TOM– Você quer que eu durma essa noite com você? Eu durmo no chão como um cachorrinho.

KELLY– Igual o cachorro da Dorothy, o Totó!

TOM– Eu vou ficar acordado até você dormir.

KELLY– Tom, eu te perdoo por você me machucar tanto.

TOM *deita no chão aos pés da cama da moça.*

TOM– O dinheiro que você está juntando é para realizar o seu sonho?

KELLY– Eu vou juntar até conseguir.

TOM– Sonhos não se realizam se a gente não tiver sorte.

KELLY– Eu gosto daquele que sonha o impossível. Boa noite!

TOM– Boa noite.

KELLY– Boa noite Fred.

KELLY *adormece imediatamente, a música sobe à medida que a luz cai sobrando apenas o refletor no pôster de* ***FRED SILVEIRA****. Com calma* ***TOM*** *se levanta, vai até o armário, pega o copo onde ela guarda o dinheiro, abre e pega toda a quantia que tem dentro. Em seguida deixa o copo no mesmo local e sai de cena como se nada tivesse acontecido.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

CENA 04 – ENCONTRO NO SUPERMERCADO 24 HORAS – PARTE I.

Ouvimos o instrumental de uma canção imediatamente a saída de ***TOM.*** *Sugestão para a canção* ***BROADWAY MAMBO*** *de* ***PEREZ PRADO****. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos no "SUPERMERCADO MAIS CARO DO MUNDO". Atores entram pelo espaço com carrinhos de compra de diferentes tamanhos. O cenário se transforma num supermercado, com gondolas e prateleiras (não é preciso exagerar na quantidade).* ***KELLY*** *que ainda está sobre a cama e não despertou é colocada dentro de um carrinho de compra por um dos atores. Em seguida sua cama sai de cena. Os atores continuam se movimentando pelo espaço enquanto* ***KELLY*** *dorme. Novamente ela é colocada dentro de outro carrinho, dessa vez, menor que o anterior. Uma placa (anúncio) é colada na moça (ou no carrinho) com o texto: "CARNE DE PÉSSIMA QUALIDADE".* ***THE SPEAKER****, um locutor do mercado aparece em cena segurando um microfone de mão, anunciando ofertas como quem dispara um canhão silábico. Os atores que estão em cena com os carrinhos e ou cestas de compras, parecem robôs com olhares fixos e frios, como se fossem obrigados a comprar cada um dos itens, mesmo sem precisar.*

THE SPEAKER– Bem-vindos ao supermercado "Precinho Amigo", aquele que rapa a sua grana sem culpa. Pode chegar cliente, não tenha medo de gastar aquilo que você não tem em produtos que você não precisa. É o quinzenasso do consumidor. Hot price!

THE SPEAKER *aproxima-se do carrinho onde está* ***KELLY*** *com cautela e sem fazer barulho. Ao chegar ele aciona uma corneta a gás acordando a mulher.*

THE SPEAKER– Hey girl, o que você está fazendo dentro de um carrinho de compras? Você não é um produto, é? Na verdade, todos nós somos e estamos a venda. Qual o teu preço?

KELLY– Oi?

THE SPEAKER– Oi.

KELLY– Eu devo ter dormido...

THE SPEAKER– Enquanto a criança dorme, não aproveita as ofertas que preparamos para clientes como você: que compra sem ter e necessita sem precisar.

KELLY– Do que você está falando?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

THE SPEAKER– Eu estou te persuadindo a gastar suas economias no “Precinho Amigo”. Agora chega mais pertinho... Qual é o seu nome?

KELLY– Meu nome é Kelly.

THE SPEAKER– O nome dela é Kelly. Amazing! E o que você faz aqui?

KELLY– Eu fui roubada.

THE SPEAKER– Você botou algum item em seu carrinho?

KELLY– Não.

THE SPEAKER– Você “ainda” não foi roubada, mas você será Kelly, acredite. Não apenas roubada, mas extorquida, por que você está no supermercado “Precinho Amigo”, aquele que rapa a sua grana sem culpa. Você já tem um carrinho?

KELLY– Não, eu não.

THE SPEAKER– Aqui não é permitido circular sem um carrinho de compras. Que tal este em que você está depositada. Do you like it?

KELLY– Eu acho que sim.

THE SPEAKER– Ótimo! Amazing! Wonderful! Este será o seu carrinho. E ele é a sua cara. O próximo passo é você listar os itens que deseja... Por que você deseja algo, não é mesmo?

KELLY– Bem eu...

THE SPEAKER– Não é preciso me dizer... Aqui o consumo é permitido. Gente como você é o nosso público alvo.

KELLY– Gente como eu?

THE SPEAKER– Carentes, solitários, compulsivos. Todos são bem-vindos; desde que passem o cartão no fim das compras. Temos ótimas condições para facilitar o seu enforcamento Kelly.

KELLY– Enforcamento?

THE SPEAKER– É o mesmo que pagamento. Mas vamos parar de papo furado. Saia do carrinho, ele precisará ser ocupado por produtos que estão loucos para saltar das prateleiras, direto para dentro dele.

KELLY– Mas o meu dinheiro, eu fui roubada!

THE SPEAKER– Para que dinheiro? Kelly, aqui você paga no cartão em pequeninas parcelinhas. Dinheiro de plástico! Você já tem o cartão “Precinho Amigo”? Não se preocupe porque agora você tem! Top! Agora saia deste carrinho ou terá que sair do mercado.

KELLY *sai do carrinho com dificuldades sempre ouvindo o homem.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

THE SPEAKER– Não há limites para o seu sonho de consumo. Você está pronta? Are you ready? Valendo.

KELLY *sai com seu carrinho sem saber exatamente o que precisa, mas certa de que deve seguir as ordens do apresentador, e sair comprando. Ela come e bebe sem ao menos perceber que irá pagar por isso antes de sair.* ***ELEN*** *aparece em cena. Ela carrega uma cestinha com alguns produtos.* ***THE SPEAKER*** *some de cena sem que* ***KELLY*** *perceba. Desatenta ela atropela* ***ELLEN*** *que vai ao chão.* ***KELLY*** *arremata assertiva.*

KELLY– Me desculpe, eu ando muito distraída ultimamente e não te vi, na verdade eu vi... Mas quando eu percebi já estava com o carrinho em cima de você.

ELLEN– As boas coisas vêm quando estamos distraídos.

KELLY– Você se machucou?

ELLEN– Comigo está tudo bem.

KELLY– Você tem problemas com a justiça?

ELLEN– E quem não tem?

ELLEN *recolhe sua cesta com itens e se prepara para sair.*

KELLY– Tudo de bom para você... E me desculpe mais uma vez.

ELLEN– Eu já esqueci. Faça isso você também!

KELLY– O meu nome é Kelly.

ELLEN– Ellen. Prazer.

ELLEN *estica a mão para cumprimentar a moça.*

ELLEN– O que foi?

KELLY– As pessoas geralmente nunca me estendem a mão.

ELLEN– Não adianta estender a mão se não segurar de verdade.

KELLY *sorri para* ***ELLEN*** *sem mostrar os dentes.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– Você vem sempre a esse supermercado!

KELLY– Sempre de madrugada. Eu gosto de olhar as coisas, geralmente eu não compro nada, só passeio mesmo...

ELLEN– Eu disse: “você vem sempre aqui” e não foi uma pergunta! Eu te vi algumas vezes circulando pelos corredores e comendo escondido. *(EMENDA)* Não precisa ficar envergonhada, você não é a única. Isso, por exemplo, você precisará pagar. A não ser que o pacote desapareça. Eu ajudo você.

***ELLEN** coloca o pacote de alimento dentro da bolsa de **KELLY**. Ela vai colocando outros elementos e dizendo frases como: “leva mais”, “não vai fazer falta” ou “é para matar a sua fome”. **KELLY** olha **ELLEN** com doçura.*

ELLEN– O que foi?

KELLY– Você é tão... Boa!

ELLEN– E isso assusta você?

KELLY– É que eu não estou acostumada com pessoas gentis.

ELLEN– A gentileza é a essência do ser humano. Quem não é suficientemente gentil não é suficientemente humano.

***KELLY** fica em silêncio por um tempo curto como se já tivesse ouvido a frase.*

KELLY– Alguém já me falou isso...

***ELLEN** estende um folder para **KELLY** que pega sem pensar.*

ELLEN– É o lema da campanha da qual eu faço parte.

KELLY– Você é uma voluntária!

ELLEN– Benfeitora. *(TEMPO)* O voluntário não é forçado a fazer o trabalho, mas ele pode optar ou não por fazê-lo. Um benfeitor pratica o bem simplesmente porque faz parte da sua natureza. Você não quer aproveitar e ajudar a campanha: “Amigo Real”? Eu sou benfeitora de um ONG que ajuda crianças filhas do tráfico.

KELLY– E como eu posso ajudar?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– Basta comprar um dos produtos que estão na minha cesta.

KELLY– Eu não tenho dinheiro...

ELLEN– Mas você tem bom coração, é isso que importa. Eu estou sempre em busca de garotas de bom coração.

ELLEN *observa o anel de* ***KELLY****.*

ELLEN– Que lindo o seu anel.

KELLY– Eu ganhei de presente.

ELLEN– Algo me diz que foi alguém muito especial que te deu.

KELLY– Foi um cara que eu sou envolvida que me deu. A gente tipo namora!

ELLEN– Eu sou ótima em adivinhações. Mas também não é muito difícil porque você tem uma alma pura.

KELLY– Você acha?

ELLEN– E tão bonita... Parece artista! Na certa deve ter algum talento escondido. *(TEMPO)* Eu também acertei, não foi?

ELLEN *observa que o* ***SEGURANÇA*** *está de olho nos passos de* ***KELLY****.*

ELLEN– Temos um problema. Não fala nada, deixa que eu cuido disso.

O ***SEGURANÇA*** *se aproxima das mulheres sempre falando em seu rádio. Ele abre a bolsa de* ***KELLY*** *e percebe inúmeros produtos que foram roubados. O* ***SEGURANÇA*** *algema* ***KELLY*** *que fica desesperada.*

KELLY– Me desculpe, eu não fiz por mal... Eu vou pagar, claro! Mas não hoje, porque eu fui roubada. *(TEMPO)* Eu pago em dobro, prometo!

KELLY *continua se defendendo.* ***ELLEN*** *dispara assertivamente.*

ELLEN– Ela vai pagar por isso!

ELLEN *abre a bolsa e entrega dinheiro para o* ***SEGURANÇA****.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– É o suficiente?

*O **SEGURANÇA** tira a algema de **KELLY** e deixa a cena imediatamente.*

KELLY– Se não fosse por você eu nem sei o que poderia me acontecer.

ELLEN– Não me agradeça! Uma hora ou outra eu vou precisa de você e eu espero que você se lembre deste dia.

***ELLEN** e **KELLY** se olham firmes. A música sobe para a transição da cena.*

CENA 05 – DE VOLTA AO FAST-FOOD.

*Voltamos ao fast-food. O cenário é montado pelos atores de forma dinâmica e assertiva. A chapa está de volta à cena com a inscrição: "DE VOLTA AO FAST-FOOD". Um desenho foi feito nela: nota-se a imagem de uma mulher (provavelmente **KELLY**) fazendo sexo com um ou mais homens. Há desenhos de pênis e palavras de ofensa moral como "vadia", "safada" e até mesmo "insaciável". **STANLEY** está no local dando ordens a um novo funcionário (o **NOVATO** que praticamente não mostra o rosto e está quase sempre de cabeça baixa. Ele ocupa a vaga de **TOM**.*

STANLEY– A vida sem uma meta, é vida completamente vazia. Nunca se esqueça disso novato. E quando um superior se referir a um inferior, responda: ok, obrigado!

***NICK** entra em cena com dois sacos de empanados. O garoto está nervoso.*

NICK– Todos os sacos de empanados estragaram senhor.

STANLEY– Existe um responsável, não é?

NICK– O culpado deve ter esquecido a porta aberta ontem à noite.

STANLEY– Mas o gatuno tem consciência que eu sei que foi ele o azarão da vez.

NICK– Mas ele vai tentar disfarçar senhor.

STANLEY– E não irá conseguir. *(FIRME)* Solte estes sacos agora!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

***NICK** atente ao pedido de **STANLEY**.*

STANLEY– Está vendo o chão como está sujo... Você vai abaixar e limpar toda a imundície com a língua.

***NICK** se abaixa para fazer o que **STANLEY** pediu e ao mesmo tempo **KELLY** aparece em cena. O **NOVATO** segue observando e limpando.*

STANLEY– A pontualidade é mesmo a ladra do tempo. O que houve?

KELLY– Eu perdi a hora. Isso não vai se repetir!

STANLEY– Para quem está atrasado nenhuma desculpa é válida.

***KELLY** vê o **NOVATO** e puxa um assunto.*

KELLY– É você que está no lugar do Tom? Meu nome é Kelly, muito prazer. Bem-vindo ao inferno.

O gerente foi até um armário e voltou com duas máscaras nas mãos.

STANELY– Kelly e Nick, eu preciso falar com vocês.

***KELLY** e **NICK** se apresentam diante de **STANLEY**. O homem ergue duas máscaras: uma de galinha e outra de palhaço (que ele dá maior atenção).*

STANLEY– Este sou eu, que diariamente me sinto como um palhaço. *(MOSTRANDO A DE GALINHA)* E esta é você, Kelly. É a sua cara, realmente! Agora aprenda de uma vez: onde está o galo, não canta a galinha.

NICK– Ok, obrigado.

KELLY– Ok, obrigada.

***STANLEY** joga a máscara de galinha para **KELLY** e a de palhaço para **NICK**. O **NOVATO** limpa e observa. **STANLEY** prossegue assertivo.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

STANLEY– Eu ainda não acabei... Dias atrás um cliente esqueceu um anel aqui. Trata-se de uma joia de ouro, muito delicadinho. Dentro dele tem uma frase gravada: “tudo que eu sempre sonhei”. Alguém achou?

Nenhum dos três se manifesta. ***STNALEY*** *prossegue.*

STANLEY– A ocasião faz o furto, mas o ladrão já nasce feito! Vistam as carapuças. Hoje vocês serão a atração principal. *(TEMPO)* Novato, me ajude a dar um fim nos sacos de empanados.

NICK *e* ***KELLY*** *seguram as máscaras e se afastam.* ***STANLEY*** *e o* ***NOVATO*** *vão pegar os sacos e ficarão indo e vindo do palco para a coxia.*

NICK– Como você está, Kelly?

KELLY– Eu acabo de ser coroada a galinha do dia.

NICK– Me desculpa por ontem.

KELLY– Sem essa Nick!

NICK– Eu não paro de pensar no que aconteceu.

KELLY– Ou dividimos o bolo ou a tragédia.

KELLY *veste a sua máscara.* ***NICK*** *segura a sua ainda sem vestir.*

KELLY– Coloca a sua também e vamos trabalhar.

NICK– Essa máscara me deixa sufocado... Eu tenho fobia!

STANLEY *volta à cena e intervém ríspido.*

STANLEY– Não é para tirar as carapuças, porra! Não se pode acabar com a magia das crianças, caralho!

NICK *coloca a máscara e começam a trabalhar.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

STANLEY– Depois eu preciso ter uma conversa em particular com cada um de vocês para tirar a limpo a história do anel. Eu estou com uma pulga e preciso saber quem está blefando.

NICK *tem um ataque claustrofóbico por estar vestindo a máscara. Os sintomas começam com falta de ar, seguido de hiperventilação, náusea, tremedeira, asfixia, tontura e por fim* ***NICK****, desmaia.* ***STANLEY*** *prossegue melífluo.*

STANLEY– Querem ver como ele acorda rapidinho? *(PARA* ***NICK****)* Eu vou contar para todo mundo, o que nós fazemos depois do expediente**...**

O garoto não se move. ***STANLEY*** *tira a carapuça do rapaz.*

STANLEY– Façam alguma coisa, esse garoto não pode morrer comigo na gerência...

KELLY *ainda mascarada corre para próximo do jovem e se abaixa para fazer uma respiração boca a boca. Ela inicia o procedimento ainda de máscara.*

STANLEY– Tira a máscara, Kelly.

KELLY *tira a sua máscara e faz respiração boca a boca no jovem que desperta repentinamente. Ao acordar ele voa para cima de* ***STANLEY*** *com toda a força que há em seu ser. Ele aperta o pescoço do gerente tentando sufocá-lo.*

NICK– Nunca mais encoste um dedo em mim. Nunca mais!

O ***NOVATO*** *observa sem sair do lugar.* ***KELLY*** *tenta tirar o rapaz de cima de* ***STANLEY*** *que ri muito, ainda que um pouco assustado com a atitude de* ***NICK****. Sozinha a moça não consegue mover o jovem, ela pede ajuda ao* ***NOVATO*** *que não atende. De repente,* ***KELLY*** *é ajudada por alguém. Quando ela se dá conta,* ***TOM*** *está de volta ao fast-food.*

STANLEY– O herói veio salva a mocinha das garras do vilão.

TOM– Eu não vim falar com você Stanley. Mas se você embaçar a gente pode resolver isso do meu jeito.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

STANLEY– Me ameaçando?

TOM– Você vai embora comigo, Kelly. Eu vim te buscar!

KELLY– Eu não vou a lugar algum com você.

STANLEY– Viu só, ela não vai!

TOM– Cala a boca, Stanley!

STANLEY– Eu não disse nada, foi a porca!

TOM– E dobre a língua para falar da minha mulher.

KELLY– Eu não sou sua mulher.

STANLEY– Vai ver é mulher de todo.

TOM– Chega Stanley!

KELLY– Você roubou o meu dinheiro.

TOM– Depois a gente conversa sobre isso.

KELLY– Não mente para mim Tom. Você sabia onde eu guardava a grana e esperou que eu dormisse para me roubar.

TOM– Kelly, me escuta!

STANLEY– Uma vez ladrão, sempre ladrão.

KELLY– Confessa que você me roubou.

STANLEY– Na certa, ele também é responsável pelo roubo do anel.

TOM– Fui eu!

KELLY– Por que você fez isso?

TOM– Roubar o seu dinheiro foi uma maneira que eu encontrei de tirar da sua cabeça a ideia maluca de ir para a América.

KELLY– Você não podia ter pegado a minha grana. Deus sabe o que eu tenho que aguentar nesse lugar – do Stanley – em troca de moedinhas no final do dia. Cada centavo a mais é como ver o meu sonho mais próximo.

STANLEY– Tom, antes de sair, devolva o anel!

***TOM** levanta a mão de **KELLY** com o anel, para mostrar para **STANLEY**.*

TOM– É desse anel que você está falando?

STANLEY– A descrição bate certinho. O que está escrito nele?

TOM– “Tudo o que eu sempre sonhei”. Acuse a Kelly!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY *fica em silencio.* ***STANLEY*** *aconselha o* ***NOVATO*** *de forma didática, mas com muita calma.*

STANLEY– Novato, vá limpar a fachada. Coloque a placa de “fechado” na porta, fique de vigia e não deixe ninguém entrar.

O ***NOVATO*** *sai de cena. Estamos com* ***STANLEY****,* ***NICK****,* ***KELLY*** *e* ***TOM****.*

STANLEY– Acho que teremos uma festinha privé regada a sangue.

STANLEY *pega o seu canivete e passa a ameaçar* ***KELLY****.*

STANLEY– Estamos os quatro trancados novamente no fast-food.

STANLEY *se aproxima de* ***KELLY*** *de forma lasciva ameaçando-a com a faca.*

STANLEY– Eu sempre tive uma queda por você, mas você nunca colaborou. Eu passava uma borracha em cima de suas “cagadas” para te manter perto de mim. Então eu descubro que o seu plano é ir embora! *(VINGATIVO)* Você sangre Kelly? Por que dessa vez você vai sangrar!

STANLEY *ao se aproximar de* ***KELLY****, leva uma bofetada na cara.*

STANLEY– Por que você fez isso?

KELLY– Você não passa de um covarde. E quer saber de uma coisa: eu me demito!

KELLY *pega o canivete de* ***STANLEY*** *e desfere um golpe na barriga do homem. E mais outro e assim sucessivas vezes.* ***STANLEY*** *desfalece e morre ali mesmo no chão do fast-food.* ***NICK****, que gravou a ação pelo celular, se levanta e vai até o corpo do gerente.* ***TOM*** *está perplexo.* ***KELLY*** *segura a faca.*

NICK– Morreu o Stanley!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Nós precisamos fazer alguma coisa com o corpo.

KELLY– Eu tenho uma ideia. *(TEMPO)* Me ajudem a colocar o corpo dele na chapa. Acho que a rede precisa de uma edição especial, um novo sanduíche. Que tal um Stanley dentro do pão?

*Ouvimos o instrumental de uma música. O corpo de **STANLEY** está no chão. **KELLY** continua as ordens, enquanto eles colocam o corpo do gerente sobre a chapa.*

KELLY– Rapazes: preparem os instrumentos. E não se esqueçam do moedor de carne. Vamos preparar hambúrgueres fresquinhos.

*Neste momento a luz já mudou por completo. **KELLY** dá ordens e **STANLEY** mesmo morto, irá falar com os demais que estão em cena. A música cresce gradativamente. A letra da canção **HAMBURGÃO MACABRO** foi escrita originalmente para esta peça e deve adotar a estética de um musical da Broadway.*

OH PATRÃO OH PATRÃO **[TODOS]**
VAI MORRER OH PATRÃO
OH PATRÃO MALVADÃO
SEMPRE FOI ESPERTÃO
NUNCA MAIS OH PATRÃO
VAI CAUSAR CONFUSÃO
CÊ TEM SIDO AMORAL
ISSO NÃO É NORMAL

STANLEY– Todo ser humano merece ser perdoado pelos seus erros.

FICA QUIETO PATRÃO **[TODOS]**
CALA BOCA MANDÃO
SUA HORA CHEGOU
VAI VIRAR HAMBURGÃO

CONSULTE DIREITO AUTORAL

STANLEY– Por favor, me deixem descansar em paz. Eu peço!

OH PATRÃO OH PATÃO **[TODOS]**
VOCÊ NUNCA AJUDOU
SEMPRE FOI DESLEAL
SE FERROU NO FINAL

STANLEY– O que vocês vão fazer comigo? É o que eu estou pensando?

ISSO MESMO BUNDÃO **[TODOS]**
ACHO QUE JÁ SACOU
ACABOU JÁ MORREU
ME LIVREI DO PATRÃO
UFA ESSE JÁ FOI
MERECEU O SEU FIM
MORREU ATÉ QUE ENFIM
LOGO VAI VIRAR PÓ

STANLEY– Por favor, Kelly, você já me matou. Eu não vou te importunar nunca mais. Tire essa ideia da cabeça!

EU NÃO VOU NÃO **[TODOS]**
NÃO QUERO NÃO
EU NÃO VOU NÃO
NÃO QUERO NÃO
VOCÊ FOI MUITO MAU
VAI PAGAR NO FINAL
SUA HORA CHEGOU
UM PETISCO FATAL
CORTA AQUI CORA LÁ
SERRA AQUI SERRA LÁ

CONSULTE DIREITO AUTORAL

QUANTO SANGUE
UM HORROR
MORTO STANLEY FICOU

STANLEY– Está doendo! Minha perninha defeituosa! Me devolvam!

ACABAOU-SE O PRATÃO **[TODOS]**
VIROU CARNE PADRÃO
VAI PRA DENTRO DO PÃO
SERVIR DE HAMBURGÃO

STANLEY– Eu não quero virar hambúrguer! Eu não!

VAI COM PICLES **[TODOS]**
COM QUEIJO
E BACON TAMBÉM
SERVE UM SERVE DOIS
NÃO DEIXE PRA DEPOIS

STANLEY– Você me paga Kelly! O seu remorso será maior que a gratidão! Pare com isso agora, eu estou mandando. Pare!

EU NÃO VOU NÃO **[TODOS]**
NÃO QUERO NÃO
EU NÃO VOU NÃO
NÃO QUERO NÃO

KELLY– Você sempre me pediu pra limpar a sujeira sem cara feia. Agora eu entendi o recado. *(TEMPO)* Ok, obrigada!

PICA CORTA SERVE HUM **[TODOS]**
PICA CORTA SERVE HUM

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PICA CORTA SERVE HUM

OK OBRIGADO

OK OBRIGADO

OK OBRIGADO

*Ao final da canção a luz volta ao tom realista e o corpo de **STANLEY** está sobre a chapa. Um tempo se estabelece entre eles.*

NICK– Será que essa edição especial do novo sanduíche vai agradar?

TOM– Eu acho que eles não vêm não perceber a diferença. Misture com as outras carnes e aos poucos a gente se livra das provas.

*O **NOVATO** aparece em cena.*

TOM– Sentiu o cheiro de sujeira no ar, novato? Isso é um fast-food!

Neste clima a cena termina.

CENA 06 – QUANTO VALE O SEU SONHO?

*Ouvimos os acordes da música **NO MEIO DO FURACÃO**. **KELLY** está sozinha em cena. Sua cama entra por uma das coxias e para no meio do palco. A moça senta imediatamente. Ela está perplexa e sem saber o que pensar e como agir após ter matado o gerente. Ela decide então falar com **FRED SILVEIRA**, como se fizesse uma confissão.*

KELLY– Fred, eu fiz uma coisa horrível... Eu nem sei por onde começar a contar. Mas eu jurei que não haveria segredos entre nós. Eu nunca mais poderei voltar a lanchonete.

*Ouvimos off a voz de **FRED SILVEIRA**. Sim, ele irá falar com a garota.*

FRED– É sempre bom começar do começo!

KELLY– Fred... é você?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

FRED– Sim, sou eu!

KELLY– Eu fiz uma coisa ruim... Isso me torna uma pessoa má?

FRED– Você matou um homem, não foi?

KELLY– Parece que você lê os meus pensamentos.

FRED– Eu posso fazer muito mais do que isso Kelly! Conte-me tudo, não me esconda nenhum detalhe.

KELLY– Eu matei um homem. E não foi só isso: eu piquei o corpo dele em pedacinhos e fiz hambúrguer. Em poucos dias ele será servido dentro do pão lá no fast-food.

FRED– E como você se sente?

KELLY– Eu estou confusa, eu deveria me sentir culpada...

FRED– Todo ser humano é um estranho ímpar. *(TEMPO)* Você não devia ter feito isso! Eu estou profundamente desapontado com a sua atitude.

*A cama de **KELLY** começa a girar e a música fica mais forte.*

KELLY– Ele me ameaçou, eu não tinha como escapar.

FRED– Sempre há uma saída! Pratique o bem o mundo lhe devolverá em dobro. Seja gentil e as pessoas serão gentis com você.

KELLY– Eu não quero que ninguém seja gentil comigo. Isso me poupa do trabalho de gostar das pessoas.

FRED– Mas você gosta de mim...

KELLY– Mais do que a própria vida.

FRED– Eu fui gentil com você, não fui?

KELLY– Sim! Eu nunca me esqueci.

FRED– Trate as pessoas como você gostaria de ser tratada. Você tem um coração puro e merece ser feliz. Quanto vale o seu sonho?

KELLY– Eu não sei!

FRED– O início da salvação é o conhecimento da culpa. *(TEMPO)* Você ainda não está pronta para ter o seu desejo realizado.

KELLY– Como assim?

*A cama de **KELLY** para de girar aos poucos. A moça sai da cama e imediatamente o móvel sai de cena lentamente.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

FRED– Eu explico: para concretizar um sonho é preciso saber o que estamos dispostos a fazer. Você sabe?

KELLY– Você está me confundindo Fred!

FRED– Limpe a sujeira Kelly! *(TEMPO)* Procure o caminho do bem, alguém que tenha demonstrado bondade para com você num momento de sufoco. Saia das trevas e siga para o caminho da luz.

KELLY– Alguém que tenha sido bondoso comigo? *(TEMPO)* Eu já sei! É claro, a benfeitora do supermercado. Obrigada Fred! Obrigada!

FRED– Te vejo nos meus sonhos. Juízo garota! E não me decepcione.

KELLY *sai de cena em busca de* ***ELLEN*** *no supermercado.*

CENA 07 – ENCONTRO NO SUPERMERCADO 24 HORAS – PARTE II.

Ouvimos os acordes ***MAMBO 1 2 3*** *de* ***PEREZ PRADO****. A luz modifica o ambiente dando um tom não realista. Estamos no supermercado "Precinho Amigo".* ***THE SPEAKER*** *está de pé dentro de um carrinho de compras empurrado por uma pessoa. Ele está imponente como um pavão ou uma princesa uma parada da Disney. Atrás da pessoa que empurra o carrinho temos uma fila de outras figuras que seguem o cortejo sempre no ritmo do mambo. Eles vestem-se de forma exagerada e usam máscaras de animais: pato, cavalo, vaca, jacaré; animais que servem de alimentos para humanos. Lê-se em uma faixa a inscrição: "ENCONTRO NO SUPERMERCADO 24 HORAS – PARTE II".*

THE SPEAKER– Bem-vindos ao "Precinho Amigo Show", aquele que engana a sua retina e dopa o seu senso crítico. Quem será o sortudo ou a sortuda que participará do programa líder de audiência que é transmitido ao vivo para todo território do consciente e inconsciente. Não podemos esquecer que o "Precinho Amigo Show" tem patrocínio exclusivo das "Sopas Bellyache", aquela que emagrece fazendo da sua privada o seu troninho. Você de gosta de sopa? Eu adoro sopa! Deu sopa eu como! Delicious. *(MUDA O ASSUNTO RAPIDAMENTE)* Para participar do game é muito fácil! Basta que a sua imaginação viaje sem limites.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

A música sobe. Um dos atores ergue uma placa escrita "aplausos" e todos assentem. ***THE SPEAKER*** *continua com sua apresentação.*

THE SPEAKER– Antes de conhecer o participante do dia eu vou sortear um brinde sensacional para você que está em casa instalado confortavelmente na solidão da sua poltrona. O primeiro que souber a resposta, saca a mão no telefone e liga para cá! Estão prontos? A pergunta é: "Qual o carro do cantor do U2"?

KELLY *entra em cena abruptamente.* ***THE SPEAKER*** *vê a moça e rapidamente vai ao seu encontro. Aos poucos as figuras que acompanhavam o apresentador se espalham assumindo funções dentro de um programa de televisão (assistentes de palco, produtores, câmera, entre outros).*

THE SPEAKER– Olha ela! Look at her! A nossa amiguinha veio correndo só para responder à pergunta. Whats your name?

KELLY– Eu sou a Kelly, lembra?

THE SPEAKER– É claro que não! *(MUDA O ASSUNTO RAPIDAMENTE)* Você está pronta para responder a pergunta? Então vamos a ela: "Qual o carro do cantor do U2? *(LIGEIRO)* Tempo!

Uma pessoa com uma câmera de vídeo se aproxima de ***KELLY****.*

KELLY– Eu estou na TV?

THE SPEAKER– Of course Darling! Quer dizer alguma coisa?

KELLY– Eu matei um homem!

THE SPEAKER– Resposta errada! O carro do cantor do U2 é o "carbono". Não foi dessa vez. Unfortunalety!

Uma pessoa vai empurrando **KELLY** para fora do cenário do programa.

KELLY– Espera! Eu estou procurando uma pessoa, uma benfeitora que eu conheci aqui...

THE SPEAKER– Não, não, não... Você já teve os seus quinze segundos de fama e desperdiçou. Tarde demais.

KELLY– Eu mereço uma segunda chance!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

THE SPEAKER– Você foi eliminada.

KELLY– Quais são as regas do programa?

THE SPEAKER– Eu não sei! Mas eu vou tentar explicar... Eu não existo, nada aqui é real. Somos frutos da sua dor, da sua imaginação.

KELLY– Então se eu quero continuar com o que eu procuro...

THE SPEAKER– Tem que acertar a resposta!

KELLY– Claro!

THE SPEAKER– É a sua última chance! Vamos voltar do início, afinal você confessou na TV que matou um homem e isso pode te causar sérios problemas. Pronta para voltar do zero? Segure firme... Here we go.

*Ouvimos o efeito sonoro de fita rebobinando. A ideia é que a cena retorna da entrada de **KELLY** ao programa "Precinho Amigo Show". Tudo volta como no início com **KELLY** entrando pela porta.*

THE SPEAKER– Olha ela! Look at her! A nossa amiguinha veio correndo só para responder as nossas perguntas. Whats your name?

KELLY– Eu sou a Kelly... Lembra?

THE SPEAKER– É claro que não! *(MUDA O ASSUNTO RAPIDAMENTE)* Você está pronta para responder a três perguntas?

KELLY– Três?

THE SPEAKER– Sim, o nível de dificuldade aumenta a medida que você fica mais confusa. É a sua cabeça que produz todo esse caos! Valendo um encontro no supermercado "Precinho Amigo" com uma voluntária que a Kelly...

KELLY– Benfeitora!

THE SPEAKER– Uma benfeitora.

KELLY– Ellen.

THE SPEAKER– Ellen! Vamos às perguntas.

Ouvimos a vinheta do programa.

THE SPEAKER– Question one: "O boi levou a vaca para o motel. Quem pagou a conta"?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– *(CERTEIRA)* Os dois. Eles fizeram uma vaquinha!

THE SPEAKER– Certa a resposta, você é ótima! Perfect!

A cada resposta certa ouvimos aplausos, gritarias e festejos.

THE SPEAKER– Lembrando que a Kelly está a duas respostas de ter o seu desejo concretizado. Question two: "Qual animal que faz os professores de inglês subirem pelas paredes"?

KELLY– *(HESITA UM POUCO)* A lagarteacher!

THE SPEAKER– Muito bom! Impressionante! Essa garota está a uma resposta – uma mísera resposta – de garantir que o seu desejo se realize. Está pronta, Kelly?

KELLY– Manda bala!

THE SPEAKER– É preciso fazer suspense para garantir que a audiência não nos abandone. *(FAZENDO UM ANÚNCIO)* Lembrando que o "Precinho Amigo Show" é uma oferta do Stinky Tea. Bebe e sinta a diferença na sua ureia. Eu gosto de chá gelado, o Clark Kent! I'm so funny!

KELLY– Anda logo com essa merda que eu não tenho muito tempo.

THE SPEAKER– Está certo, você é quem manda! Final question: "O que acontece com os genes que violam a lei"?

KELLY *pensa um pouco.* ***THE SPEAKER*** *faz pressão psicológica.*

THE SPEAKER– Eu tinha certeza que você ia falhar meu anjo. Desista!

KELLY– *(FIRME)* Os genes que violam a lei vão para a cadeia de DNA.

THE SPEAKER *tem uma reação exagerada de derrota.*

THE SPEAKER– Como assim? E não é que ela acertou! Você está de parabéns! Jamais alguém conseguiu essa façanha antes, até porque isso jamais aconteceu. Você está pronta para receber o seu prêmio?

THE SPEAKER *faz mesuras com a garota até conduzi-la ao local próximo ao armário em que* ***ELLEN*** *sairá como o "brinde especial". Todos se aproximam à*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

medida que a luz ganha contorno especial. Duas pessoas seguram uma fita de cetim vermelha e outro está com uma tesoura pronto para cortar, como numa inauguração de um estabelecimento comercial. O armário é aberto e lá está ***ELLEN****, que sai como um prêmio conquistado por* ***KELLY****. Ouvimos a vinheta para a saída dos personagens.* ***THE SPEAKER*** *sai com os outros.*

THE SPEAKER– Congratulations Kelly! Vá em busca dos seus sonhos. *(FAZENDO PIADAS SEM GRAÇA COMO QUEM ANUNCIA UM PRODUTO)* O Pateta usa o teclado e o Mickey mouse. Você já morou nos Estados Unidos? Não? A Marylin Monroe. A minha campainha faz bip. A de Bill, Clin-ton.

Todos saem de cena exceto ***ELLEN*** *e* ***KELLY****, que diz para si mesma.*

KELLY– As pessoas chegam e vão embora tão depressa por aqui. *(OLHANDO ELLEN COM DOÇURA)* Oi, você se lembra de mim?

ELLEN– A garota de coração puro. O que aconteceu?

KELLY– Eu nem sei por onde começar.

ELLEN– Pelo detalhe mais importante.

KELLY– Um homem morreu.

ELLEN– Acrescente o local.

KELLY– No meu trabalho, na lanchonete!

ELLEN– Quem mais estava?

KELLY– Além de mim, duas pessoas.

ELLEN– Testemunhas... isso não é bom.

KELLY– Mas o corpo não será encontrado.

ELLEN– Somente gênios conseguem sumir com evidências e corpos.

KELLY– Ele virou carne de sanduíche.

ELLEN– Uma tacada de mestre! Qual o seu grau de participação?

KELLY– Fui eu quem matou.

ELLEN– Era o que eu temia.

KELLY– Com umas boas facadas.

ELLEN– Quantas?

KELLY– Eu não sei... Dez, quinze, vinte cinco... eu não tinha alternativa.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– Jamais use essa frase, em hipótese alguma, mesmo em caso de julgamento.

KELLY– Julgamento?

ELLEN– Se descoberta você será presa, julgada e condenada.

KELLY– Eu sofria abusos constantes no final do expediente.

ELLEN– Guarde essa frase, ela pode ser um bom argumento quando a promotoria te colocar contra a parede.

KELLY– Promotoria?

ELLEN– Kelly, você cometeu um crime! O importante neste momento é dar um novo rumo para a sua vida.

KELLY– O que eu preciso fazer?

ELLEN– Mudar! Nome, endereço, arrumar um novo emprego... Por mais que você tenha dado um fim ao corpo, logo vão sentir falta do seu gerente. As investigações começarão e vão chegar a conclusões e por fim em você.

KELLY– Eu não sabia que matar uma pessoa poderia me causar tantos problemas. Animais morrem o tempo todo para servir de alimento.

ELLEN– Kelly, o seu lugar não é aqui. Eu te vejo longe, muito longe destas terras, lá no alto. Num lugar além do arco-íris, onde pássaros azuis voam e os sonhos se tornam realidade. Onde as pessoas são felizes e todos se importam uns com os outros.

KELLY– Você não é uma bruxa, é?

ELLEN– O que você acha?

KELLY– Bruxas são feias e velhas.

ELLEN– Só as más!

KELLY– Só as más!

ELLEN *tira um pequeno cartão do bolso e entrega para* ***KELLY****.*

ELLEN– Encontre-me hoje neste endereço, as vinte horas em ponto.

KELLY– “Kansas Pub”.

ELLEN– Nós precisamos conversar. E não se atrase... O sonho de uma boa garota precisa ser realizado. Eu tenho a solução para os seus problemas.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN *e* ***KELLY*** *se olham com intensidade. A luz cai em resistência.*

CENA 08 – UM PUB DECADENTE NO CENTRO DA CIDADE OU O SHOW DO PALHAÇO CANTOR.

Ouvimos o instrumental de um Charleston clássico. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos no "KANSA'S PUB", um local decadente no centro da cidade. Uma mesa balcão é colocada no meio do palco e não há cadeiras no espaço, elas conversarão de pé e usarão o móvel para apoiar os copos, bebidas, pratos e bolsas (se houver). O bar ainda está vazio e um funcionário circula pelo espaço. ***KELLY*** *e* ***ELLEN*** *se encontram.*

ELLEN– Eu gosto de quem cumpre com a palavra. Você parece aflita e faminta!

KELLY– Muito aflita e sempre com fome.

ELLEN– É mais fácil suportar as aflições de estômago cheio. Eu vou pedir alguma coisa para a gente comer e beber.

KELLY– Eu não tenho como pagar.

ELLEN– Deixe tudo por minha conta.

ELLEN *vai até um garçom que está no local limpando os copos e separando garrafas de bebida. A mulher age com muita naturalidade e sensualidade, falando no ouvido do rapaz e trocando olhares maliciosos (nada vulgar ou demasiadamente caricato) apenas dando ao público informação extra de que ela sabe usar a sensualidade a seu favor. Ela volta rindo e com duas taças.*

ELLEN– Eu garanti as nossas taças, vamos tratar de esvaziar rapidinho. Eu aproveitei e pedi dois hambúrgueres.

KELLY *está pouco à vontade e olha para os lados com frequência.*

ELLEN– O que foi meu bem?

KELLY– No caminho de casa até aqui, as pessoas me olharam de um jeito estranho. Parece que elas sabiam que eu tinha feito uma merda.

ELLEN– Não há erro que não possa ser corrigido.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Elas brindam e bebem. ***ELLEN*** *com mais voracidade e* ***KELLY*** *mais tímida. Um funcionário deixa uma garrafa no balcão.* ***ELLEN*** *dispara sincera.*

ELLEN– Uma graça esse rapaz. Você não acha?

KELLY– Homens me deixam com medo.

ELLEN– Eu e ele transamos no depósito de bebidas. *(LIGEIRA)* Desfaça essa cara de espanto, nós somos amigas, não somos?

KELLY– Aquele negócio que você me falou de mudar... É verdade?

ELLEN– Quando fora a hora.

KELLY– Eu sou um pouco ansiosa. Acredita que no meu primeiro beijo eu estava tão nervosa que menstruei.

ELLEN– Esquece os problemas e divirta-se, eu estou pagando. A cantora que faz o show é ótima. *(RÁPIDA)* Eu sempre achei que você leva jeito para artista. Esse é o seu sonho? E digo mais, você tem futuro.

KELLY– Meu sonho é ir para a América e me tornar alguém importante...

ELLEN– Acho bem possível.

KELLY– Até chegar à Nova York e por fim na Broadway!

ELLEN– Você faria qualquer coisa para ter o seu desejo realizado?

KELLY– Nada de bom vai me acontecer.

ELLEN– Ao menos que você tenha sorte. Eu decidi que você será a minha nova amiga. Daqui por diante eu vou te apresentar novas pessoas e te levar a lugares incríveis.

KELLY– Vai?

ELLEN– Se você quer a América; a América você terá!

KELLY– Quando a esmola é demais...

ELLEN– Ninguém disse que para realizar um sonho não há um preço, mas nada que você não tire de letra. Confie em mim!

KELLY *sorri. Elas bebem mais.* ***ELLEN*** *fala com doçura.*

ELLEN– Eu vou te dar dinheiro e passaporte para você entrar na América e lá ficar. É simples! Não há o que pensar. Já pode comemorar. *(MUDA O ASSUNTO)* Eu prometi que não ia tocar nesse assunto. Os caras que estavam com você são confiáveis?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– O Tom e o Nick? Bem eu não sei...

ELLEN– Kelly! Eles são confiáveis?

KELLY– Não!

ELLEN– Droga! Vamos ter que dar um jeito neles.

ELLEN *pega um celular e coloca em cima da mesa.*

ELLEN– Liga agora para os dois e marque um encontro. Você precisa ter certeza que eles não irão te denunciar.

KELLY– Eu não sei usar esse celular.

ELLEN– É bom se acostumar, porque ele agora é seu.

KELLY *se prepara para ligar e recua ligeira.*

KELLY– Você me pede para acreditar em você – que eu vou ter o meu sonho realizado – mas até agora eu ainda não entendi o que eu vou ter que fazer em troca.

ELLEN– Eu preciso que você atravesse uma fronteira com uma criança – um bebê – fingindo que é seu filho. Do outro lado, alguém vai esperar por vocês. É só encontrar, entregar e pronto. Acabou!

KELLY– Isso que você está me propondo é...

ELLEN– Você tem dois caminhos: ser presa pela polícia, julgada e condenada por assassinato. Ou aceitar a minha proposta, fugir do país e nunca ser encontrada. Não me parece que a primeira opção seja a mais inteligente. Vamos lanchar!

O garçom aparece com os sanduíches e coloca no balcão. ELLEN pega o dela (um lanche normal) e dá uma mordida. ***KELLY*** *pega o seu e ao levantar percebemos uma galinha de borracha entre os dois pães, como se ela tivesse pegado aversão a carne. Ao olhar o garçom* ***KELLY*** *enxerga* ***STANLEY****.*

STANLEY– Bom apetita vagabunda!

KELLY– Stanley?

ELLEN– O show já vai começar.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

***KELLY** enxerga **NICK** na cantora que se arruma para começar o show.*

KELLY– Nick?

***KELLY** sente náuseas e vomita em cima do prato. **ELLEN** não entende o que está acontecendo. Assertivamente outro garçom aparece para limpar o chão. Quando **KELLY** olha o rapaz enxerga **TOM**.*

TOM– Não há sujeira que não possa ser limpa!

KELLY– Tom?

***KELLY** tem uma vertigem como se tivesse uma overdose. Ouvimos os acordes de **LUCKY** da **BRITNEY SPEARS** numa versão punk rock. É hora do show da cantora, mas quem aparece é **NICK** com máscara de palhaço (a mesma que **STANLEY** o obrigou a vestir) e que provocou fobia no rapaz. Aqui ele tem postura de um astro de rock. **KELLY** tem um surto, **ELLEN** é enfática.*

ELLEN– O que está acontecendo com você, Kelly?

KELLY– Eu não estou me sentindo muito bem.

ELLEN– Ligue para os dois e marque de uma vez esse encontro. E quando você estiver com eles, eu apareço, acerto tudo e encerramos de vez essa história. Você não tem muito tempo.

KELLY– Eu fiquei encucada com a história da criança.

ELLEN– Pense na América, é só isso que interessa.

KELLY– Se eu vou fingir que sou a mãe...

ELLEN– Eu consigo te imaginar em Nova York, na Broadway.

KELLY– Onde está a mãe verdadeira dela?

ELLEN– Com bastante dinheiro para estudar.

KELLY– Eu preciso entender antes de aceitar.

ELLEN– Muitas oportunidades e livre da culpa.

KELLY– Eu sei que isso que eu tenho que fazer é ilegal.

ELLEN– Eu vou te arrumar testes, depois um papel importante.

KELLY– É criminoso, não é?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Um tempo se estabelece. ***ELLEN****, é assertiva e deixa dinheiro sobre o balcão.*

ELLEN– Boa noite e aproveite o show.

ELLEN *vai embora.* ***KELLY*** *fica sozinha no pub ouvindo o punk rock. A música serve de transição para a próxima cena.*

CENA 09 – É MUITO SIMPLES, EU EXPLICO COM CALMA.

Voltamos ao quarto de ***KELLY*** *(pela última vez na história). A música baixa aos poucos. Além da garota,* ***NICK*** *e* ***TOM*** *estão no local.* ***TOM****, está bebendo de sua garrafinha um destilado fortíssimo enquanto* ***NICK****, sentado na ponta da cama está atento à garota escutando a mesma música da cena anterior em seu celular, conectado a um fone de ouvido. A conversa entre os três é assertiva e direta, sem rodeios ou mesuras.*

KELLY– Não é nada bom ver vocês, mesmo assim é ótimo que vieram. *(FIRME)* Alguém voltou a lanchonete depois de tudo?

TOM– Eu tinha sido demitido... Sem motivos para voltar.

KELLY– Nick?

NICK– Eu só trabalhei mais duas semanas...

TOM– Mas eu rondei o local. Eu olhava para cara das pessoas tentando adivinhar quem estava comendo o hambúrguer premiado.

NICK– Eu comi o Stanley! *(CORRIGE)* Não do jeito que vocês estão pensando. Eu comi o sanduíche.

TOM– E qual o sabor? “Merda Barbecue”?!

NICK– Eu não senti diferença...

KELLY– Como você pode ter certeza que era ele?

NICK– Eu escondi as caixas... Um dia eu peguei aquele lote para me livrar, aproveitei e experimentei. Depois disso ficou impossível continuar.

TOM– E o que as pessoas acharam?

NICK– Teve gente que repetiu.

KELLY– Eu sempre soube que a rede usava carne da pior qualidade. Não sei porque as pessoas amam tanto.

NICK– Esgotou tudo em dois dias.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Já era! Virou merda!

KELLY– Sem vestígios! Que alívio. *(PROSSEGUE)* Eu chamei você aqui, porque eu preciso garantir que essa história morra com a gente.

***TOM** tira um jornal do bolso e entrega para **KELLY**.*

TOM– Acho melhor você ler isso.

KELLY– *(LENDO)* “Crime do fast-food, assassino não identificado”.

***KELLY** paralisa. **TOM** prossegue com o discurso.*

TOM– Tem uma parte que interessa mais do que o título.

KELLY– *(LENDO)* “A polícia trabalha com hipóteses concretas de que o assassino era funcionário da lanchonete”.

NICK– Como eles podem ter certeza?

KELLY– *(LENDO)* “Especula-se ainda que por não terem encontrado vestígios do corpo, o crime foi cometido por uma ou mais pessoas”.

*O telefone celular de **KELLY** vibra em seu bolso ou sobre a cama. A moça pega instantaneamente e atende. Do outro lado da linha **ELLEN**, que está dentro do elevador e age com assertividade (sem ser grosseira).*

KELLY– Alô.

ELLEN– Oi, sou eu...

KELLY– Pode falar, eu estou ouvindo.

ELLEN– Eu resolvi te dar uma chance.

***NICK** continua com a leitura do jornal.*

NICK– *(LENDO)* “O que chama atenção na investigação, é que a lanchonete que vivia a beira da falência, teve súbito aumento nas vendas após o sumiço do corpo do gerente”.

TOM– O local era cheio de câmeras...

NICK– Que não funcionavam. Eu posso garantir!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– Eu estou no elevador do meu prédio a caminho da sua casa e o sinal aqui dentro é péssimo!

TOM– E as suas gravações, Nick?

NICK– Eu apaguei!

KELLY– Você tem certeza?

NICK– Sim...

KELLY– Nick, olhe nos meus olhos e confirme que você apagou.

NICK– Eu ia apagar, mas quando eu fui...

TOM– Puta merda! Se essas imagens caírem nas mãos da polícia a Kelly se ferra.

KELLY– Eu não matei o Stanley sozinha.

TOM / NICK– Matou!

TOM– O assassino do fast-food é você Kelly!

KELLY *volta ao telefone.*

KELLY– Alô!

ELLEN– Kelly, você marcou o encontro com os dois?

KELLY– Eu estou com eles.

ELLEN– Ótimo!

TOM– Com quem você está falando, Kelly?

ELLEN– Mantenha os dois entretidos até eu chegar. Eu sei onde você mora.

TOM– Quem é porra?

TOM *pega o telefone de* ***KELLY*** *e fala com* ***ELLEN.***

TOM– Quem é? Resolveu ficar mudinho, agora?

ELLEN– Passa o telefone para sua namorada, Tom. Caso contrário eu vou contar para a Kelly sobre o anel que eu deixei na mesa da lanchonete a seu pedido para que servisse de isca para ela.

TOM *passa o telefone para* ***KELLY****.* ***ELLEN*** *desliga o telefone e sai do elevador com a calma e a elegância de uma garça no cio.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Desligou. Quem estava do outro lado da linha não queria papo comigo.

NICK– Vocês estão me deixando assustado.

TOM– Vá se foder! Você comeu carne de gente, não tem moral para falar nada seu bosta.

NICK– Foi só para experimentar.

KELLY– *(APERTANDO O CELULAR)* Liga de novo! Liga de novo!

***TOM** oferece bebida para **NICK** e **KELLY**.*

TOM– Querem?

A moça pega a garrafa e dá uma golada sem pensar.

NICK– Eu invejo as pessoas que bebem. Pelo menos elas tem alguma coisa e quem botar a culpa. *(TEMPO)* Eu quero!

***KELLY** passa a garrafa para **NICK**. O rapaz bebe num gole só.*

TOM– Acho melhor você falar de uma vez porque nos chamou aqui.

KELLY– É muito simples, eu explico com calma. Eu vou sair do país. Eu encontrei uma pessoa disposta a me ajudar.

TOM– Para onde você vai?

KELLY– Não interessa!

TOM– Você chamou a gente aqui para dizer que vai embora, mas não vai contar para onde... Qual o sentido dessa porra?

KELLT– Eu preciso garantir que vocês não me entreguem para a polícia, mesmo porque, eu levo vocês dois comigo.

NICK– Eu tenho a vida toda pela frente.

TOM– E qual a parada?

KELLY– Grana! Isso vai calar vocês.

TOM– E de onde você vai tirar dinheiro, Kelly?

KELLY– Tem alguém disposta a me ajudar. Agora chega de papo furado. Eu preciso que vocês aceitem a proposta que ela vai fazer...

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Você armou uma arapuca para gente, é isso?

KELLY– Não! Ela vai pagar vocês!

NICK– Apagar?

TOM– E você vai ser o primeiro, babaca!

KELLY– Pagar! Ela está vindo para cá acertar uma quantia...

TOM– Kelly, me escuta. Eu sou um cara virado, conheço esse tipo de gente, ela vem para matar. *(EMENDA)* Por outro lado a gente precisa de grana para se arrumar num lugar longe daqui. Essa parada do fast-food vai feder e vai sobrar para todo mundo. Nós precisamos de um plano para garantir que elas não trapaceiem.

NICK– Eu tenho um! Vamos nos esconder e ouvir a conversa entre as duas para saber se essa história da grana é real. Se for, a gente aparece, acerta tudo e cada um segue a sua vida.

TOM– E se não for?

NICK– Eu posto no Youtube o vídeo da Kelly matando o Stanley.

TOM– Você não tem alternativa, Kelly.

KELLY– Eu confio nela. Nada de ruim vai nos acontecer. Nada!

*O celular de **KELLY** vibra. Ela rapidamente lê a mensagem.*

KELLY– Se escondam. Ela chegou.

***TOM** se esconde dentro do guarda roupa e **NICK** embaixo da cama. Todos estão apreensivos com o que irá acontecer com a chegada de **ELLEN**. Importante manter o clima de tensão para a cena do final do primeiro ato.*

CENA 10 – NEGÓCIO FECHADO.

***ELLEN** entra no quarto de **KELLY** sem pedir licença, mais rápida que um foguete cruzando o céu. **NICK** e **TOM** seguem escondidos.*

KELLY– Não repara que é tudo muito simples.

ELLEN– Eu não vim trocar a sua mobília, eu vim para te tirar daqui. *(TEMPO BREVE)* Onde estão os dois?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN *percebe a presença dos homens no quarto, mesmo sem vê-los.*

ELLEN– Você me disse que eles estavam aqui.

KELLY– Disse?

ELLEN– No telefone! Você falou: “eu estou com eles”.

ELLEN *sente no ar o cheiro da mentira, mas prosseguirá com o assunto.*

ELLEN– O sinal estava péssimo eu devo ter me enganado. Foi isso!

KELLY *mostra o jornal para* ***ELLEN****.*

KELLY– Eles estão em busca do assassino.

ELLEN– Eu estou acompanhando o caso.

KELLY– Mas sem o corpo é difícil provar que ele foi morto.

ELLEN– Houve uma denúncia anônima! Alguém ligou para a polícia confirmando que o crime foi cometido por um funcionário. Investigando, acharam vestígios de sangue no moedor de carne, que bate com o tipo sanguíneo do seu gerente.

KELLY– Mais do que nunca eu preciso da sua ajuda.

ELLEN– Eu sou a melhor opção.

KELLY– Eu aceito! Qualquer coisa que você me propor eu vou aceitar, eu não tenho escolha, eu não quero ser presa.

ELLEN– Eu não vou deixar que nenhum mal lhe aconteça. É importante que você preste atenção em tudo o que eu vou lhe explicar. Eu faço parte de uma organização.

KELLY– A ONG que ajuda os filhos do tráfico?

ELLEN– É para ela que você trabalha a partir de agora. Somos uma organização que cuida do transporte de bebês de um país para o outro. Nós fazemos isso de forma discreta, para preservar a criança e a sua identidade; por isso procuramos mulheres jovens, que facilmente são confundidas como mãe dos bebês. Você receberá cem mil dólares pelo serviço. Se paga muito bem para que as regras sejam cumpridas.

ELLEN *tira o dinheiro da bolsa e entrega para* ***KELLY****.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– Eu trouxe a primeira parte – dez mil – que já lhe assegura um novo começo até eu agilizar tudo. *(PÉRFIDA)* Eu sinto cheiro de rato nesse lugar. Você não?

KELLY– Esse é o pior quarto do mundo.

ELLEN– Você deveria ter se prevenido e arrumado um gato. Gatos caçam ratos.

KELLY– Cem mil?

ELLEN– Dólares! É muito dinheiro, eu sei. Vamos esquecer os ratos por enquanto, eu preciso te dar mais informações. Eu preciso de todos os seus documentos, todos. Eu vou destruí-los para que não se tenha vestígios seus. Eu lhe darei passaporte falso, com um novo nome – também falso – e um visto de entrada temporário genuinamente falso. Você terá de assimilar tudo. A próxima vez que nos encontrarmos será para eu lhe entregar os novos documentos. Alguma dúvida?

KELLY– Não!

ELLEN– Ótimo! *(ENFÁTICA)* Tem uma última informação, a mais importante. Você precisa cuidar desse bebê como se ele fosse o seu bem mais precioso. Ele vale muito – não em vida porque ele já não respira – mas o que você carregará dentro dele.

KELLY– É o que eu estou pensando?

ELLEN– Exatamente. Mas agora você deve pensar nos cem mil dólares e claro, na América. Finja que ele está dormindo – enquanto a sua criança dorme – você segue firme pela estrada de tijolos amarelos, minha doce Dorothy. *(MUDANDO DE ASSUNTO)* Agora precisamos resolver a história com seus amigos da lanchonete. Ligue para os dois e peça que venham até aqui.

***ELLEN** abre a bolsa e tira dois pacotes de dinheiro enrolados num elástico.*

ELLEN– Eu estou sentindo o cheiro de ratos. Meu Deus! Chega arder o meu nariz. Eu detesto ratos, porque se não acabamos com eles, com o tempo, eles descobrem um jeito de enfrentar os gatos.

***ELLEN** coloca um pacote no chão no pé da cama onde está **NICK**.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ELLEN– Eu vou deixar essa dose de veneno aqui no pé da cama. Logo o rato vem e morde a isca.

ELLEN *caminha até o guarda roupa. Ao chegar coloca outro maço de notas.*

ELLEN– O cheiro aqui é insuportável, deve ser uma ratazana das boas. Aqui eu vou deixar uma dose maior, porque vai ser preciso de algo mais potente para calar esse ratão.

Assim que ela vira de costas os dinheiros somem.

ELLEN– Eu não disse! Os ratos vieram e morderam a isca mais rápido do que eu previa. Temos que tomar cuidado. Eles estão por toda parte.

ELLEN *se aproxima de* ***KELLY*** *e seguras as mãos da moça.*

ELLEN– Eu estou muito orgulhosa de você. Não há perigo que a coragem não possa derrubar. Não há obstáculo que a esperteza não possa destruir. E não há dor que o mais profundo coração não possa aguentar. Vai dar tudo certo!

Neste clima ouvimos o coro cantar trechos da música ***O NOME DELA É KELLY*** *para que a canção cresça e encerre o ato.* ***TOM****,* ***NICK****,* ***STANLEY*** *e os outros atores estão em cena para o fechamento da cortina.*

CHEGOU A HORA **[TODOS]**
DA KELLY
O NOME DELA É KELLY
A GRANDE ESTRELA
SERÁ KELLY
BRILHANDO NO NEON

A luz cai em resistência. Final do ***ATO UM – SONHOS****. Dez minutos de intervalo para o início do* ***ATO DOIS – PESADELOS.***

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ATO 02 – '*PESADELOS'*

O medo é o pesadelo fora do sonho

CENA 01 – NÃO SE FAÇA DE BURRA KELLY.

*Ouvimos o instrumental de **SOMEWHERE OVER THE RAINBOW** como se viesse de uma caixinha de música. A luz acende em resistência. No meio do palco vemos um carrinho de bebê antigo (com rendas e babados, onde não é possível ver a criança dentro do cesto). O importante é que seja um carrinho macabro, lembrando com aqueles de filme de terror. Aos poucos percebemos que **KELLY** e **ELLEN** estão em cena, em cantos opostos. O carrinho começa a se mexer, a balançar, como se uma criança estivesse acordada dentro dele. A canção **ENQUANTO A CRIANÇA DORME** por vezes se torna mais sombria e com notas arranhadas. A conversa entre as mulheres é direta, seca.*

ELLEN– Mas o que temos aqui? Eu imaginei que não fosse te ver tão cedo... O que você quer?

KELLY– Eu vim devolver o dinheiro que você me deu. Eu não gastei...

ELLEN– Você o quê?

KELLY– Eu não quero mais fazer o que foi combinado.

ELLEN– E por que?

KELLY– Eu descobri que o meu sonho é menor do que a minha coragem.

ELLEN– A vida é breve demais para se perder tempo com asneira.

KELLY– O que você quer dizer com isso?

ELLEN– Não se faça de burra, Kelly! E não se preocupe em entender, só faça o que foi acordado entre nós.

KELLY– Talvez eu deva voltar ao que eu era antes.

ELLEN– E o que você era antes? Eu vou te dizer o que você era antes de me conhecer: nada. Absolutamente nada. E foi assim que você chegou até mim, como um nada. E eu livre a sua cara todas as vezes que você precisou. Quem fez isso por você antes? Quem Kelly? Quem?

KELLY– Eu me sinto dentro de um pesadelo...

ELLEN– Você está cada vez mais próxima da América. Vai desistir agora que está quase lá? O sonho é seu, eu não questiono. Eu sou aquela que realiza os desejos – como uma fada boa – eu estou sempre disposta a ajudar. Mas há sempre um preço a ser pago.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– Eu não posso continuar.

ELLEN– Então eu livrei a sua cara algumas vezes. Primeiro no supermercado, quando você ia ser presa! Teve também o caso do anel roubado...

KELLY– Não foi roubado, eu ganhei do Tom.

ELLEN– O anel era meu Kelly. Eu deixe em cima da mesa de propósito para servir de isca. E você foi tão ingênua meu bem.

KELLY– Eu acreditei tanto em você. Por um momento eu pensei que nós pudéssemos ser amigas.

ELLEN– Você achou? Meu Deus, quanta bondade nesse coração que é capaz de matar, picar e fazer hambúrguer do próprio gerente!

KELLY– Você não tem provas.

ELLEN– Provas? Para que provas? O remorso vai te acompanhar e enquanto durar o remorso, vai durar também a sua culpa.

KELLY– Você tem o dom de iludir as pessoas vendendo sonhos em troca de remorso.

ELLEN– É?

KELLY– É!

ELLEN– Resumidamente é isso.

KELLY– Eu preciso acordar desse pesadelo.

ELLEN– Você precisa confiar em mim.

KELLY– Como você espera que eu confie em você, se você me causa tanto medo?

ELLEN– Eu entendo Kelly. Mas essa é uma etapa importante para que nós possamos confiar uma na outra. Eu já passei por isso algumas vezes, você nunca. Eu conduzo, você é conduzida. É normal que eu tenha que tomar as redes quando há um sinal de desistência.

KELLY– E o que acontece com quem desiste?

ELLEN– Eu não sei, realmente. Não me pergunte os porquês, mas esse é um caminho sem volta.

KELLY– Toda jornada em uma bifurcação. É como seguir a estrada de tijolos amarelos, uma hora será preciso decidir entre direita ou esquerda até chegar à cidade das esmeraldas.

ELLEN– Seja como for, o importante é seguir adiante.

KELLY– Talvez, insistir no meu sonho seja burrice.

ELLEN– Insistir no impossível é mostrar que você é forte.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– Eu preciso pensar.

ELLEN– A burrice, vez ou outra, vem me visitar só para não me deixar esquecer que eu sou humana. Eu tenho sido paciente com você todo esse tempo, mas agora o seu tempo acabou, garota estúpida de merda.

ELLEN *tira um passaporte de dentro da bolsa. Ela ergue!*

ELLEN– Consegue sentir o cheiro?

ELLEN *faz o passaporte deslizar no pelo chão até chegar aos pés de* ***KELLY****.*

ELLEN– É o seu passaporte, a sua entrada na América, com visto e tudo... E quando você tiver com os pés fincados por lá, vai poder dizer de boca cheia: não há melhor lugar do que o seu lar.

KELLY *se abaixa, pega o documento, abre e lê.*

KELL– Maria de Los Angeles?

ELLEN– É o seu nome a partir de agora.

KELLY– E quem é ela?

ELLEN– É você meu bem! Vai ser muito fácil se acostumar, você é uma atriz, não é? Haja como tal. E o que é um nome?

ELLEN *se aproxima de* ***KELLY*** *e entrega um envelope.*

ELLEN– Há duas coisas que ninguém perdoa: nossas vitórias e nossos fracassos. Aqui está a outra parte do acordo, o restante do dinheiro. Pesa, não é? Logo você se acostuma. Agora faça o que deve ser feito.

KELLY*, caminha até o carrinho de bebê de forma assertiva. Ao chegar ela retira de dentro um boneco de pano com a barriga costurada com uma linha preta, como se alguém tivesse recheado de drogas e fechado em seguida. O carrinho segue o trajeto magicamente puxado por uma linha que não é vista pelo público. A música aumenta à medida que a mulher ergue a "criança", segurando-a pela cabeça. A expressão de* ***ELLEN*** *muda aos poucos. No auge*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

da música, quanto ela atingir o volume mais alto, ***ELLEN*** *desmaia indo ao chão violentamente.*

CENA 02 – QUEM É ELLEN?

Ouvimos um dial de um rádio procurando uma estação, até para na música I ***WANT TO KNOW WHAT LOVE IS*** *de Mariah Carey. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos em "UM NECROTÉRIO FÉTIDO". O corpo de* ***ELLEN / MARIÁH*** *é colocado sobre uma maca. Há uma passagem de tempo e a mulher está morta (sim, MORTA).* ***NUÑEZ****, um legista, costura o corpo com uma linha preta grossa ao mesmo tempo que ouve a canção, dublando trechos como se estivesse num karaokê. Outros legistas escrevem nas paredes com giz, trechos da canção que* ***NUÑEZ*** *ouve no rádio. Palavras que serão escritas sobre a canção: time, things over, in my life, heartache, stop now, lonely life, love is, show me, around, found.* ***ROY****, um rapaz, se aproxima de* ***NUÑEZ*** *de forma tímida. Os legistas (éters) que estão escrevendo nas paredes conduzem o rapaz onde ele possa ser visto. Em seguida desligam o rádio. Só então* ***NUÑEZ*** *o percebe.*

NUÑEZ– Por que você desligou o rádio?

ROY– Não fui eu!

NUÑEZ– Você consegue ver mais alguém aqui além de mim, de você e dela? A realidade quase sempre se engana. Quem é você?

ROY– Roy Marino.

NUÑEZ– É parente da falecida?

ROY– Eu procuro por Nuñez Vidal!

NUÑEZ– *(SE APRESENTANDO)* Nuñez Vidal.

ROY– Muito prazer!

NUÑEZ– Veio fazer o reconhecimento do corpo da defunta?

ROY– Não!

NUÑEZ– Veio fazer uma visitinha surpresa no necrotério?

ROY– Eu trabalho aqui.

NUÑEZ– Se você está dizendo, quem sou eu para contrariar. Não entendo porque insistem em mandar gente para fiscalizar o meu serviço. Sou eu, meus instrumentos e um corpo – morto! Roy, não é?

ROY– Roy!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NUÑEZ– Roy?

ROY– Marino. Roy Marino.

NUÑEZ– Muito bem, senhor Marino. Me tira uma dúvida: é ilegal fazer autópsias em pessoas vivas?

ROY– Uma autópsia numa pessoa viva é como fazer uma intervenção cirúrgica.

NUÑEZ– "Intervenção cirúrgica" senhor Marino? Esse lugar é um açougue humano. Aqui cheira etoxietano. Sabe o que é isso?

ROY– Éter!

NUÑEZ– E você sabe que éter provoca alucinações?

ROY– Sei sim senhor.

NUÑEZ– A vaga é sua! Logo, logo senhor Marino você estará anestesiado por este lugar ou extasiado – seja lá como um alucinógeno bate em seu sistema nervoso. Vamos trabalhar! Me ajude a terminar de suturar o corpo desta mulher sem vida. Você saber cerzir?

ROY– Eu aprendi na faculdade.

NUÑEZ– "A universidade desenvolve todas as capacidades, inclusive a estupidez". O autor dessa frase é Anton Tchekhov. Sabe quem foi ele?

ROY– Não senhor.

NUÑEZ– Um dramaturgo e escritor russo. Mas o que poucos sabem é que Tchekhov também era médico. Você estudou sobre ele na sua universidade?

ROY– Não!

NUÑEZ– As faculdades não sabem ensinar senhor Marino! Tchekhov foi médico durante a maior parte de sua carreira literária. Ele tem uma frase célebre que virou o meu lema: "a medicina é minha legítima esposa, a literatura minha amante". Assim como Tchekhov, eu também gosto de escrever dramas.

ROY– Você é escritor?

NUÑEZ– Médico, eu já lhe disse. Mas eu me arrisco escrevendo peças de teatro. Essa mulher – a finada – tem uma história fascinante. Daria uma ótima peça de dramas. *(EMENDA)* Você acha que eu falo demais?

ROY– Não se pode ser um bom médico se não for objetivo.

NUÑEZ– *(SATISFEITO)* Agora vamos trabalhar. Essa princesa merece descansar em paz. Vista seu traje de gala senhor Marino.

CONSULTE DIRETO AUTORAL

*Os homens que estão no local vestem o rapaz com a roupa apropriada para a autópsia. Eles ajudarão com o procedimento médico e também escreverão palavras e frases sobre a causa morte de **ELLEN / MARIÁH** (hemorragia). **NUÑEZ** liga o rádio. A canção que toca é **TOCCATA AND FUGUE IN D MINER** de **JOHANN SEBASTIAN BACH**, tema do filme **FANTASIA** da Disney. Os legistas-sombras vestem em **NUÑEZ** e **ROY** luvas com as mãos do Mickey.*

NUÑEZ– Ela era uma bela mulher, você não acha? Chegou aqui assim, suturada da altura do pescoço até aqui.

***NUÑEZ** aponta para próximo da região pélvica da mulher.*

NUÑEZ– Eu já vi muita coisa estranha nesses anos de necrotério, mas essa garota supera todas as anteriores. Cuida da cadáver, eu vou pegar o laudo que está na gaveta.

***NUÑEZ** passa a agulha para **ROY** que continua a costurar **ELLEN / MARIÁH**. O médico vai até um gaveteiro buscar o laudo da falecida. Os legistas mudam a posição da maca e passam um pano com éter no nariz de **ROY**, que cambaleia por alguns segundos. Quando ele retoma a consciência **ELLEN / MARIÁH** abre os olhos repentinamente e começa a falar com ele.*

ELLEN– Me ajude! Eu preciso sair daqui.

ROY– Mas você está morta.

ELLEN– Eu preciso recuperar o meu bebê.

ROY– Você tem um filho?

ELLEN– Tenho, tenho! É uma criança, um bebê de poucos meses. Ela está com a minha criança. Ela não pode atravessar a fronteira, não pode! Se isso acontecer eu nunca mais vou ver o meu filho.

*Os legistas passam o pano com éter nas narinas de **ELLEN / MARIÁH** que desfalece. **NUÑEZ** volta com algumas pastas e laudos nas mãos.*

NUÑEZ– Você está mais branco que a de neve.

ROY– Ela abriu os olhos e falou comigo.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NUÑEZ– Se você puxa um assunto com Deus, você é religioso. Se Deus fala com você, você é psicótico. Se um defunto fala contigo quem sou eu para contestar.

ROY– Eu estou falando sério!

NUÑEZ– E o que ela disse?

ROY– Que tinha um bebê e precisava recuperar o corpo.

NUÑEZ– Ela não tem uma cicatriz de parto.

ROY– É muito bizarro senhor!

NUÑEZ– Bizarro é algo bom senhor Marino. O comum tem milhares de explicações, o bizarro dificilmente tem alguma.

ELLEN / MARIÁH *fala com* ***ROY****.* ***NUÑEZ*** *não pode ouvir.*

ELLEN– Isso é patético.

ROY– Ela falou de novo.

NUÑEZ– Por que ela não conversa comigo?

ROY– Por que você não conversa com ele?

ELLEN– Ele é um escroto. Antes de você chegar ele chupou meu dedo médio enquanto dublava uma música da Mariah Carey.

NUÑEZ *encontra o laudo de* ***ELLEN / MARIAH****. A partir deste momento os legistas adicionais escreverão as palavras nas paredes. Palavras que serão escritas para hemorragia: haemorhagia, 4 classes, volume de sangue perdido, 7% do seu peso, aumento da frequência cardíaca, classe um, classe dois, classe três, classe quatro, taquicardia, taquipneia, diminuição da pressão do pulso, diurese, 750 a 1.500 ml, sangue, 30 a 40%, 1.500 a 2.000 ml, hipoperfusão, nível de consciência, palidez, sudorese fria, transfusão, mais de 40%, mais de 2.000 ml, exsanguinação, taquicardia extrema, pressão sistólica, sem pulsação, débito urinário zero, morte.*

NUÑEZ– Aqui está o laudo! Mariah é o nome dela.

ROY– O seu nome é Mariah?

ELLEN– Não, Mariáh! Com acento no último “a”.

ROY– Igual o nome da cantora?

ELLEN– A pronuncia é diferente.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NUÑEZ– Vamos descobrir a causa mortis da senhorita Mariah!

ROY– Mariáh.

ELLEN– Exatamente.

NUÑEZ– O que foi que você disse?

ROY– O nome dela é Mariáh com acento no “a” final. Mariah é o nome da cantora nova iorquina.

NUÑEZ– Ela está morta!

ROY– A Mariah Carey?

NUÑEZ– A defunta, senhor Marino.

ELLEN– Peça para esse senhor não me chamar de defunta.

ROY– Chame a morta pelo nome.

NUÑEZ– E o que isso importa?

ROY– É o nome dela.

NUÑEZ– A Mariah é só um cadáver, senhor Marino.

ELLEN– Mariáh! E me tira daqui assim que você conseguir.

NUÑEZ– O laudo é conclusivo: choque hipovolêmico, provocado por essa lesão extensa e que desencadeou uma parada cardiorrespiratória.

ROY– Ela sangrou até morrer!

NUÑEZ– Tem muita gente querendo este corpinho, mesmo depois de morto. Nós precisamos mantê-la em segurança.

ROY– O que ela fez para...?

NUÑEZ– Vingança! Está vendo esta pulseira irremovível no pé dela? Ela se meteu com gente da pesada. Essa defunta tem uma bela história. Você nunca ouviu falar da “mercadora de narcóticos”?

ELLEN* / *MARIÁH *desperta como se tomasse fôlego. Os legistas tiram ela da maca e somem com ela de cena.* ***NUÑEZ*** *e* ***ROY*** *conversam.*

ROY– É a mulher que foi presa na fronteira transportando drogas num cadáver de um bebê?

NUÑEZ– Essa é a Maria de Los Angeles! Ela também teve um desfecho incrível. Uma pena, mas o corpo dela não veio para cá. Senhor Marino, eu daria os dois dentes da frente para contar a vida das duas numa peça de teatro. Essas mulheres fizeram história.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

*Neste clima a cena termina com **NUÑEZ** e **ROY** a frente do palco.*

CENA 03 – EU PRECISO CARREGAR ESTE BEBÊ.

*Ouvimos o instrumental de uma tradicional música mexicana. **SEÑOR CHARUTO** (uma figura representada por um chapéu panamá branco, uma charuto e um par de sapatos brancos) está em cena. Ele senta-se numa cadeira e de lá não sairá. **CUCUY** está preso e amarrado de cócoras num armário. Ele veste apenas cueca e tem a boca amordaçada. Ele treme muito. **SEÑOR CHARUTO** aponta uma arma para a cabeça de **CUCUY**. **LA MANDRINA**, a esposa do mafioso circula pelo espaço livremente, vestindo luto fechado inspirado na imagem da morte.*

SEÑOR CHARUTO– Definitivamente você não é um homem de sorte. Eu disse para você não me passar para trás. E o que você fez? Me traiu dentro da minha própria casa. Provocou o aborto de quatro mulheres que estavam prestes a dar à luz. Perdemos todos os bebês e duas mães. *(CONTANDO UMA HISTÓRIA)* Judas vivia rodeado de gente da mais alta qualidade – inclusive do seu mestre Jesus Cristo – e isso não impediu dele ser um traidor.

***SEÑHOR CHARUTO** aponta a arma para o ânus do rapaz.*

SEÑHOR CHARUTO– Cucuy, eu vou meter uma bala bem no meio do seu cuzinho e estourar você por dentro.

***CUCUY** treme. Ouvimos o disparo de uma arma de fogo. **CUCUY** morre no ato. Aos poucos percebemos a presença de **ELLEN / MARIÁH**.*

SEÑOR CHARUTO– Hijo de puta! Ficará exposto aqui na sala como um troféu. *(COSPE NO CHÃO)* Mais do que nunca precisamos de novas mães.

MARIÁH– Señor Charuto.

***MARIÁH** entra em cena e se aproxima de **SEÑOR CHARUTO**.*

SEÑOR CHARUTO– Você se incomoda se eu fumar?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

MARIÁH– Não!

SEÑOR CHARUTO– O que houve para você vir me procurar?

MARIÁH– Señor Charuto, eu agradeço tudo o que a organização fez por mim... Mas eu quero comunicar o meu desligamento.

SEÑOR CHARUTO– Que belo anel você ostenta. Imagino que tenha sido um presente de algum pretendente. Eles costumam gravar frases cafonas como demonstração de amor eterno. Me deixe ver.

SEÑOR CHARUTO *se aproxima de* ***MARIÁH*** *e lê a frase.*

SEÑOR CHARUTO– "Tudo o que eu sempre sonhei".

MARIÁH– Eu também quero permissão para tirar a pulseira.

SEÑOR CHARUTO– Está presa para sempre. Você vai morrer e isso vai continuar aí. É uma aliança com a organização.

MARIÁH– Eu pretendo me casar senhor.

SEÑOR CHARUTO– Você está casada com a máfia Mariáh!

MARIÁH– Com o homem que me deu o anel.

SENÕR CHARUTO– Eu espero receber convite para a celebração. Casamentos são laços fortíssimos.

MARIÁH– Eu preciso dar um novo rumo para a minha vida...

SEÑOR CHARUTO– Voltar a merda de vida que você levava? Professora de escola pública! Uma fodida, desgraçada!

MARIÁH– Eu era feliz e não sabia.

SEÑOR CHARUTO– Você mal tinha dinheiro para se bancar. Não preciso muito para você aceitar fazer um servicinho para mim. O primeiro, qual foi mesmo?

MARIÁH– Eu não sei!

SEÑOR CHARUTO– Sabe sim! *(EMENDA)* Entre uma aula e outra você vendia entorpecentes para os seus alunos. Você viciou muitos jovens. Mas descobriram, você foi demitida e perdeu o diploma.

MARIÁH– Já foi castigo suficiente.

SEÑOR CHARUTO– Os pais te lincharam, não foi? Você ficou à beira da morte. A organização te ajudou a dar a volta por cima. Você passou a ser um dos meus braços. O teu primeiro cargo foi recrutar mulheres saudáveis e férteis para servirem de barriga de aluguel. Mulheres que são muito bem pagas para engravidar e entregar seus bebês no dia

CONSULTE DIREITO AUTORAL

seguinte ao nascimento. Nós sacrificamos um a um, recheamos e entregamos as novas mães que seguem viagem. As vacas fazem a mesma coisa, mas não ganham para isso, coitadas. Não demorou e você se tornou uma aliciadora. Você sempre teve uma ótima lábia para convencer as mulheres. Não se nega um talento Ellen! Eu acho que esse nome de guerra combina mais com você. É um caminho sem volta Mariáh.

MARIÁH– *(DIRETA)* Eu estou grávida!

SEÑOR CHARUTO– Meus parabéns. É seu primeiro filho? Eu também tenho filhos... *(APONTANDO PARA **CUCUY**)* Esse é o meu primogênito. Cucuy, era o nome dele. Cucuy se comportou muito mal e então eu o matei. Não queira imaginar até onde eu sou capaz de ir.

MARIÁH– Eu só quero ter uma vida normal. Eu preciso carregar este bebê.

SEÑOR CHARUTO– Curioso como as coisas mudam. Você que nunca se importou com laços afetivos, de uma hora para outra, se vê apegada num feto que você nem sabe se vai vingar. *(TEMPO)* Mas se tem uma coisa que eu nunca fui, é ingrato. Você ao menos teve coragem de vir falar comigo, não me traiu pelas costas como meu filho Cucuy. Não vou negar que durante esses anos você me trouxe muito dinheiro. Eu sei reconhecer. *(TEMPO)* Eu proponho um trato.

MARIÁH– Trato?

SEÑOR CHARUTO– É! Eu quero uma última garota, só mais uma!

MARIÁH– Trato feito!

Neste clima a cena termina.

CENA 04 – A PRIMEIRA FRONTEIRA.

*Ouvimos a canção **LA MALAGUEÑA** na voz do **TRIO CAVALERAS**. Estamos numa fronteira da Guatemala com o México. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos na "PRIMEIRA FRONTEIRA". É noite e dois policiais, **JIMENO** e **SANTOS** estão reunidos em frente a uma televisão portátil assistindo a um capítulo de uma telenovela. Naquele local não há o que fazer e eles passam o tempo limpando suas botas, bebendo, comendo e vendo televisão quando ela capta um sinal de antena. Há um varal improvisado com roupas e uma única cabana. É uma fronteira no meio do nada. **PELAYO**, **PINO** e **JAVIER** são os demais policiais que cuidam dessa área.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

JIMENO– Essa televisão parece a minha mulher, só chia. Caralho!

PINO *entra em cena. Sem perceber ele traz grudado na sola do sapato um pedaço do papel higiênico.* ***JIMENO*** *percebe e tira proveito da situação.*

JIMENO– Pino, você limpou direito o seu rabo?

PINO– Que rabo?

JAVIER– O cu!

PINO *percebe que está com o papel grudado, fica sem graça e retira o papel.* ***JAVIER*** *entra em cena com uma revista de mulher pelada. Os quatro se juntam para ver. A conversa é maliciosa, machista e asquerosa.*

JAVIER– Essa tesuda me deixa muito excitado.

PINO– Minha Marta se parece com ela.

JAVIER– Pino, quando a sua namorada sai na rua parece que o demônio abriu a porta do inferno.

JIMENO– Mulher feia é igual chuva: para dormir é bom, mas para sair na rua é complicado.

JAVIER– Essa potranca é igual vagalume.

TODOS– Por que?

JAVIER– Só brilha por causa da bunda!

Os homens riem. ***PELAYO*** *entra em cena, desliga a televisão e segue em direção aos guardas. Ao chegar retira a revista das mãos deles abruptamente.*

JIMENO– Sabe há quanto tempo a gente não vê uma mulher, Pelayo?

JAVIER– É só uma punhetinha honesta.

PELAYO– Mulher é igual droga: acaba com o nosso dinheiro. Vocês precisam vigiar a fronteira e não gozar.

PELAYO *guarda a revista. Os homens se organizam próximos a ele numa roda. O superior distribui retratos falados para todos.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PELAYO– Olhem bem para esses retratos. Reparem em todos os detalhes, vocês precisam fixar essas fuças. Hoje, eles são os três procurados pela justiça mais perigosos da América. Esses dois: Anderson e Antônio são conhecidos como “Los Panchos”. Roubam bancos para patrocinar filmes de baixo orçamento. Essa – reparem bem a fisionomia – o nome dela é Kelly; mais conhecida como a “Assassina do fast-food”.

JIMENO– Sugestivo!

PELAYO– Digestivo, eu diria. Depois de matar, ela esquartejou o seu gerente e fez hambúrguer do coitado. Se algum deles passar por aqui e nós deixarmos seguir viagem sabem o que pode nos acontecer?

TODOS– Ficarão furiosos conosco!

PELAYO– Eles são disputados pela polícia e por organizações ligadas ao tráfico. A polícia precisa deles para fazer fama e a máfia para queima de arquivo. Todos querem as cabeças desses miseráveis.

JAVIER– Nós estamos no meio do nada senhor.

PELAYO– Não podemos desviar a atenção por um segundo sequer. Sabem qual a diferença entre a polícia e o bandido?

JIMENO / JAVIER / PINO / SANTOS– O crime paga melhor!

PELAYO– Por isso que sabemos para quem vamos entrega-los.

Ouvimos um barulho vindo de fora. Os homens ficam atentos e alertas.

JIMENO– Parece que vem vindo alguém.

PELAYO– Mantenham as armas apontadas.

PINO– Mas é para atirar?

PELAYO– Não para matar. Se for quem estamos procurando, precisamos entrega-los vivos.

*Ouvimos o instrumental de **LA MALAGUEÑA** por **PACO DE LUCIA**. **MARIA DE LOS ANGELES** entra em cena carregando um bebê enrolado numa manta. A mulher veste-se com um macacão, seus cabelos estão bem penteados, usa brincos imponentes e uma maquiagem carregada. Ela exala uma sensualidade natural e entra no acampamento com muita segurança.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

MARIA DE LOS ANGELES– Graças a Deus que eu encontrei vocês. Eu estou andando há vários dias sem conseguir um lugar para dormir. Meu bebê está fraco, nós estamos sem comer e com pouca água no cantil.

PELAYO– Esse é um acampamento de fronteira, não temos estrutura, mas é melhor do que nada. Você pode passar a noite aqui se quiser.

MARIA DE LOS ANGELES– Obrigada! Eu nem sei como agradecer.

JAVIER– Me agradeça na horizontal.

PELAYO– Qual o seu nome?

MARIA DE LOS ANGELES – Maria. (PAUSA) Maria de Los Angeles.

PELAYO– Seja bem-vinda ao nosso acampamento Maria de Los...

MARIA DE LOS ANGELES – Angeles!

PELAYO– Seja muito bem-vinda, Maria de Los Angeles.

PELAYO *fica encantado com a beleza da mulher que sequer repara a semelhança entra ela e* ***KELLY*** *(a assassina do fast-food).*

PELAYO– Peguem um banco para a senhorita de Los Angeles. E água também. Você não quer me dar o seu bebê para que eu segure um pouco?

MARIA DE LOS ANGELES– Ele está dormindo. Se eu passar ele para o seu colo, ele irá acordar.

PELAYO– Você é muito bonita. *(SE APRESENTANDO)* Pelayo.

Nesse momento todos os homens se apresentam dizendo seus nomes. Eles estão desnorteados pela beleza da mulher. Também trouxeram a televisão, um banco para ela se sentar e água. Sentam-se em volta para ouvi-la.

PELAYO– Você está vindo de onde?

MARIA DE LOS ANGELES– De longe, mas eu já estou perto do meu destino final.

PELAYO– Que seria?

MARIA DE LOS ANGELES– Eu não dou informações a estranhos.

PELAYO– Você está na fronteira. Eu tenho o direito de lhe fazer perguntas caso você tenha a intenção de seguir viagem.

MARIA DE LOS ANGELES– Abusando do poder, que feio!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PELAYO– Seria loucura se eu afirmasse que você mente? Que o seu passaporte é falso, o seu nome não é Maria e este bebê não lhe pertence. Então, eu lhe pergunto, você tem algo que seja real?

MARIA DE LOS ANGELES– Meus peitos senhor.

PELAYO *e os homens riem.*

MARIA DE LOS ANGELES– Eu posso mostrar meus documentos.

PELAYO– Não será preciso, eu acredito em você Maria.

PELAYO *dá uma ordem aos rapazes.*

PELAYO– Rapazes deem de comer a esta mulher. Ela parece faminta.

Os homens vão buscar as marmitas. ***PINO****, para diante do retrato falado e percebe que há semelhanças entre* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *e* ***KELLY****.* ***PELAYO*** *e* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *conversam.*

PELAYO– Faz parte do meu ofício sempre desconfiar das pessoas.

MARIA DE LOS ANGELES– Você está em uma missão especial?

PELAYO– Estamos esperando criminosos procurados.

PELAYO *segura à mulher por uma das mãos.*

PELAYO– Você tem olhos muito bonitos que insistem em me olhar, mas você não permite. Eu queria poder beijar teus lábios.

PELAYO *está prestes a dar um beijo em* ***MARIA DE LOS ANGELES****.* ***PINO*** *se aproxima com o retrato falado de* ***KELLY****. Ele tenta assunto com* ***PELAYO****.*

PINO– Senhor, eu acho que temos um problema.

MARIA DE LOS ANGELES *se esquiva.* ***PELAYO*** *fica furioso ao ser interrompido por PINO, quando estava tendo um particular com a mulher.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PELAYO– Eu não posso falar agora, Pino!

PINO *se afasta.* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *prossegue ligeira.*

MARIA DE LOS ANGELES– Agora não!

PELAYO– Quando?

MARIA DE LOS ANGELES– Mais tarde... Na barraca.

PELAYO– Eu não tenho riquezas para lhe oferecer, mas te ofereço o meu coração em troca da minha pobreza.

SANTOS*,* ***JIMENO*** *e* ***JAVIER*** *voltam com a comida. Ouvimos os acordes de* ***LA MALAGUEÑA****. Essa canção será feita pelos homens encantados pela beleza de* ***MARIA DE LOS ANGELES****. Uma coreografia deles cantando e batendo palmas, interpretando o que diz a letra. IMPORTANTE:* ***SANTOS*** *traz uma garrafa de bebida alcoólica. Ele oferece a* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *que aceite. Sem que ninguém perceba, ela coloca um pó (boa noite cinderela) dentro da bebida. Durante a canção eles fazem rodízio com essa garrafa. Todos menos* ***PINO****, que desconfia da semelhança entre a mulher e* ***KELLY****; e tenta avisar a todos a todo instante.*

QUE BONITO OJOS TIENES **[TODOS]**
DEBAJO DE ESAS DOS CEJAS
DEBAJO DE ESAS DOS CEJAS
QUE BONITO OJOS TIENES
ELLOS ME QUIEREN MIRAR
PERO SI TU NO LOS DEJAS
PERO SI TU NO LOS DEJAS
NI SIQUIERA PARPADEAR
MALAGUEÑA SALEROSA
BESAR TUS LABIOS QUISIERA
BESAR TUS LABIOS QUISIERA
MALAGUENÃ SALEROSA
Y DECIRTE NINA HERMOSA

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Todos já provaram a bebida menos uma vez. ***MARIA DE LOS ANGELES*** *se aproxima de* ***PELAYO****.*

MARIA DE LOS ANGELES– Eu acho melhor seguir o meu caminho.

PELAYO– O que te fez mudar de ideia tão rápido?

MARIA DE LOS ANGELES– Aqui não é lugar de mulher. Olha como os rapazes ficaram depois da minha chegada.

PELAYO– Salerosa, um pouco de diversão não deixará que nenhum bandido passe pela fronteira.

MARIA DE LOS ANGELES– Eu tenho pressa! Tenho que levar o meu filho ao médico. É importante!

PELAYO– Não se preocupe com isso. Santos é doutor e pode examinar a sua criança.

SANTOS *é o primeiro que desmaiou com o efeito da bebida.*

MARIA DE LOS ANGELES– Não me parece que ele tenha condições.

PELAYO– Eu deixo você ir, com uma condição! Eu quero o meu beijo!

MARIA DE LOS ANGELES *dá um beijo em* ***PELAYO*** *provocando ciúmes nos demais homens. Mesmo assim eles cantam chapados e apaixonados. E bebem como se o amanhã não fosse existir. Ao término da canção todos estão caídos, menos* ***PINO****. Ele segura o retrato falando apontando para ela com a confirmação de que ela é a mulher da foto.* ***MARIA*** *olha para ele e faz um sinal de silêncio. Em seguida sai de cena.*

CENA 05– SE EMBRENHANDO NA MATA FECHADA.

Ouvimos os acordes de música ***NO MEIO DO FURACÃO****. Estamos numa floresta – a que* ***KELLY / MARIA DE LOS ANELES*** *– precisa atravessar durante a noite, indicada por* ***ELLEN****, para que sua travessia tenha mais chance de dar certo (neste horário a floresta é vazia). A moça está fugindo dos policiais da primeira fronteira. As árvores modificam o tempo todo para dar a impressão que ela está correndo por horas.* ***PINO****,* ***SANTOS*** *e* ***JAVIER*** *estão atrás da moça. O clima precisa ser de suspensa. Ela carrega o bebê e cuida dele como se fosse o seu bem mais precioso (o passaporte para a realização*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

*do seu sonho). Uma coreografia bem desenhada com partituras claras e limpa dá ao público a sensação de que **MARIA DE LOS ANGELES** foge, se esconde, quase é pega por um dos policiais, entre outras imagens. Os homens escrevem nas árvores a frase: "RENDA-SE MARIA". Ela está ofegante, preocupada e por vezes desesperada. Depois de um tempo, **TOM** aparece de rompante segurando-a por um dos braços e tapando a sua boca para que ela não fale uma palavra sequer.*

> **TOM–** Você vai ficar de boca fechada enquanto eu falo. Eu fui contratado para atravessa a fronteira com você e te levar até Cidade Juarez. De lá você segue viagem num avião com as outras mães. Sim, eu trabalho para a organização. *(JUSTIFICANDO-SE COM DOÇURA E CERTO PESAR)* E como eu disse, eu precisava dar um rumo para minha vida. *(EMENDA COM FIRMEZA)* Os policiais da próxima fronteira não aliviam para ninguém. Vamos ter de agir juntos! (CALMO) Agora eu vou tirar a mão da sua boca, você não vai dar um pio e nós vamos seguir viagem.

***TOM** tira a mão da boca de **MARIA DE LOS ANGELES / KELLY** e a moça mantém o silêncio. Neste clima a cena termina.*

CENA 06 – A SEGUNDA FRONTEIRA.

*Ouvimos o instrumental de uma música clássica. Sugestão para **PUTTIN' ON THE RITZ** de **FRED ASTAIRE**. A canção vem de um rádio que é ligado por um dos policiais. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos na "SEGUNDA FRONTEIRA". Aqui os guardas são mais carrascos, frios e digamos "profissionais". São eles: **LUKE**, **WILSON**, **PETER** e **MATT** (que está sempre com o seu cachorro da raça pastor alemão, que batizou carinhosamente de **O CÃO** – um excelente farejador de drogas). **WILSON** está sentado numa cadeira limpando um violino com um pano. Na mesa, **LUKE** fuma um cigarro enquanto conversa com **MARIA DE LOS ANGELES**. **PETER** está com eles servindo uísque em copos pequenos (os três viram de uma vez a bebida) e conversam animadamente (dentro dos padrões de um policial da imigração). IMPORTANTE: o passaporte dela está sobre a mesa com a garrafa de bebida em cima. A mulher tem atitude, desenvoltura e fala com eles com firmeza. Dentro da cela, há alguém encolhido e coberto – trata-se de **ELLEN / MARIÁH** – mas ainda não é possível ver o seu rosto.*

CONSTE DIREITO AUTORAL

MARIA DE LOS ANGELES– De onde eu venho quando nasce um menino, eles enfiam o dedo no rabo para saber o que ele vai ser quando crescer. Se chutar será jogador de futebol. Se gritar, certeza que será um cantor. E se começar a rir: veado!

MARIA DE LOS ANGELES *ri e bebe junto com os homens. Ela fuma o cigarro que está não mão de um policial. Simples assim, desenvolta e cara de pau.*

MARIA DE LOS ANGELES– Eu queria te fazer uma pergunta oficial...

LUKE– Luke!

MARIA DE LOS ANGELES– Luke... o que você faria de o seu filho?

LUKE– Eu não corro esse risco, ele foi muito bem-educado.

PETER– Eu não tenho filhos, mas caso tivesse, seria incapaz de amar.

LUKE– Há tratamentos Peter.

PETER– Tratamento?

MARIA DE LOS ANGELES– Eu também não sabia.

LUKE– Raças menores deviam ser exterminadas.

WILSON *intervém assertivo.*

WILSON– Não estamos aqui para jogar conversa fora.

LUKE *se recompõe e começa a interrogar* ***MARIA DE LOS ANGELES.***

LUKE– De onde?

MARIA DE LOS ANGELES– O que?

PETER– Você vem.

LUKE– Qual a sua origem?

MARIA DE LOS ANGELES– Longe.

PETER– Que é?

LUKE– Não precisa raciocinar muito.

PETER– Só responda.

LUKE– Se você não sabe de onde vem...

CONSULTE DIREITO AUTORAL

MARIA DE LOS ANGELES– Calma senhores! Eu preciso de tempo antes de responder.

PETER– Não precisa pensar.

LUKE– Apenas responda.

Os guardas riem maliciosos e não aliviam para a mulher.

LUKE– O que você está fazendo por estas bandas?

MARIA DE LOS ANGELES– O que você acha?

WILSON– “Senhor”.

MARIA DE LOS ANGELES– Como?

WILSON– Ele é o chefe dessa fronteira, não é um amigo seu.

LUKE– Exato!

MARIA DE LOS ANGELES– Eu quero entrar no país, senhor.

LUKE– E o que te faz crer, que você vai passar por aquela porta e pisar na América?

MARIA DE LOS ANGELES– E por que eu seria impedida?

PETER– Você precisa parar de fazer perguntas.

LUKE– Pessoas evasivas mentem.

MARIA DE LOS ANGELES– Eu e meu marido precisamos entrar na América por que o meu...

PETER– Você é casada?

MARIA DE LOS ANGELES– Sou oficial, infelizmente não será dessa vez que eu vou aceitar o seu convite para sair.

WILSON– Peter, vá buscar o marido da senhora Maria de Los Angeles.

PETER *vai buscar o “marido” de* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *e sai de cena.* ***WILSON*** *se aproxima da mesa e apoia o seu violino. Ele continua lustrando o instrumento musical com muita calma.*

LUKE– Você é casada há quanto tempo?

MARIA DE LOS ANGELES– Muito.

LUKE– Quanto?

MARIA DE LOS ANGELES– Anos.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

LUKE– Quantos?

MARIA DE LOS ANGELES– Me deixa pensar...

WILSON– Basta dizer o número.

MARIA DE LOS ANGELES– Seis meses de namoro, com outo de noivado.

LUKE– Quantos anos de casamento?

MARIA DE LOS ANGELES– Três anos.

WILSON– Esse anel?

MARIA DE LOS ANGELES– O que tem?

WILSON– Foi o seu marido que te deu, eu suponho?

MARIA DE LOS ANGELES– Foi. Tem uma frase gravada nele.

LUKE– Vocês são felizes?

MARIA DE LOS ANGELES– Para entrar na América é preciso atestar felicidade senhores?

WILSON– Sim. Nós americanos somos felizes. E sabe por que? Um: nossas residências não têm muros. Dois: temos frangos no balde, hambúrguer, pizza... fast-foods. Três: veste-se muito bem pagando preços baixos. Quatro: temos eletrônicos de última geração. Cinco: abastecemos nosso próprio carro e pagamos nossa conta no supermercado. Seis: confiamos uns nos outros, somos felizes e muito amáveis. Sete: somos patriotas e respeitamos a nossa bandeira acima de tudo. Oito: ganhamos em dólar e qualquer trabalho é respeitado. Nove: somos livres. E por último, somos o país que criou o Mickey.

***TOM** entra em cena carregando o bebê. **PETER** acompanha o homem. **LUKE** coloca uma cadeira para ele sentar. **WILSON** liga o rádio numa canção de **RICHARD WAGNER** e continua limpando o seu violino.*

LUKE– Senta.

TOM– Obrigado.

LUKE– Seus documentos.

***TOM** entrega seu passaporte para **PETER** que observa com cautela. **LUKE** continua com perguntas. **MARIA DE LOS ANGELES** observa calada.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TOM– Que música fúnebre.

WILSON– O que você disse?

TOM– Essa música parece de morte.

WILSON– Você conhece?

TOM– Não senhor.

WILSON– É claro que não. Isto é Wagner, o preferido de Hitler.

LUKE– O que você pretende fazer do outro lado?

TOM– Visitar um parente senhor.

PETER– Que parente?

TOM– Minha mãe.

WILSON– O nome?

TOM– De quem?

PETER– Da sua mãe!

TOM– Não está no passaporte?

LUKE– Aqui diz “sem filiação”.

TOM– Dorothy. *(TEMPO)* É o nome da mulher que me criou. Ela mora do outro lado do muro.

LUKE– Você pode entrar e visitar a sua mãe do outro lado.

TOM– Obrigado. *(TEMPO)* E quanto a minha noiva?

MARIA DE LOS ANGELES *percebe a gafe, mas disfarça.*

WILSON– Eu esqueci de carimbar o passaporte da sua mulher!

TOM– Noiva. O anel está do lado direito, somos noivos. Assim que a gente se casar ela passa o anel para o outro lado.

WILSON *carimba o passaporte de* ***MARIA DE LOS ANGELES****.*

WILSON– Fazemos muito gosto de tê-los em território americano.

TOM *passa o bebê para o colo de* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *e os dois seguem caminho para a porta de entrada da América. A moça mal pode acreditar que está diante de concretizar parte do seu sonho. Seus olhos*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

enchem de água, ela chora discretamente. ***O CÃO*** *desperta com a passagem dos dois. Ao pisarem na linha que separa a fronteira, o policial dispara.*

WILSON– Esperem! Não deem nem mais um passo.

LUKE– Até quando vocês sustentariam a mentira? Um diz que é noivo, a outra afirma que são casados.

MARIA DE LOS ANGELES *e* ***TOM*** *param imediatamente.*

WILSON– Com calma, voltem e sentem. Os dois!

O casal retorna e sentam em cadeiras com calma. Um distante do outro, sem trocar olhares e dizer uma só palavra. ***O CÃO*** *se aproxima.*

PETER– O cão foi treinado para detectar entorpecentes.

LUKE– Vamos começar pelas damas. De pé!

MARIA DE LOS ANGELES *fica de pé. A mulher não acredita que isso está acontecendo.* ***O CÃO*** *se aproxima, enquanto ela se agarra ao bebê com toda força que há em seu ser.* ***PETER*** *segue em direção a ela para retirar o bebê.*

MARIA DE LOS ANGELES– Não! Meu filho, não!

PETER *tira o bebê dos braços da mulher que se desespera.* ***O CÃO*** *cheira a criança rapidamente e em seguida a mulher. O animal não detecta nada.*

LUKE– A senhora está limpa. Dessa você escapou.

PETER– Vamos ver o seu companheiro.

TOM *se levanta.* ***O CÃO*** *se aproxima do homem e detecta o cheiro da droga.*

WILSON– Acho que alguém dançou.

LUKE– Você tem o direito de permanecer calado, mas caso queira colaborar conosco será de grande valia.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

WILSON– Não tem três dias, uma mulher tentou passar por aqui. Ela não transportava nada, mas estava em busca de uma criança.

PETER *segue até a cela onde está* ***ELLEN*** *e faz um barulho para acordá-la. A mulher levanta num susto, rápida.*

ELLEN– Tom! Kelly?! *(FIRME)* Eu vim te esperar Kelly. Me devolve o meu bebê!

WILSON– Como uma ópera de Wagner, a história de fecha.

LUKE– Os dois estão presos!

PETER *segura* ***MARIA DE LOS ANGELES*** *algemando a mulher.* ***ELLEN*** *vê a mulher e fica louca como a Monga na jaula.*

LUKE– Você é procurada internacionalmente.

ELLEN– Eu sabia que você chegaria até aqui, você é forte.

LUKE– Depois vocês ajustam os ponteiros, se tiverem oportunidade. *(DANDO UMA ORDEM)* Peter, leva essa criança daqui. Ela já está fedendo – deve estar podre.

PETER– O que eu faço senhor?

WILSON– Jogue no lixo! É o que fazemos com os dejetos.

PETER *sai carregando a criança.* ***ELLEN*** *se desespera.*

LUKE– *(ORDENANDO)* Matt, ligue para a organização e avise que eles já podem vir buscar a encomenda.

ELLEN– Por favor, não me entreguem! Eu faço o que vocês quiserem, eles vão me matar.

WILSON– Choro de mulher é algo que me dá um prazer danado.

LUKE– Pode reclamar, mas faço isso baixo porque nós temos de continuar com a faxina.

MATT– *(DESLIGANDO O TELEFONE)* Pronto senhor, estão a caminho.

LUKE– Ótimo! *(PARA* ***ELLEN****)* Em pouco tempo você será despachada. *(PARA* ***KELLY****)* Você será entregue a polícia federal e será julgada por

CONSULTE DIREITO AUTORAL

todos os seus crimes. *(PARA **TOM**)* Agora quanto a você, acho que podemos nos divertir um pouco. Quanto você engoliu?

TOM– Tudo o que estava dentro do corpo do bebê. Eu queria ajudar a Kelly a entra na América. Eu tirei toda a droga do bebê e engoli.

*Os policiais se preparam para o espancamento de **TOM**. A música aumenta à medida que **WILSON** ergue o seu violino. O homem será espancado até a morte com o instrumento musical do policial. Eles se aproximam de **TOM** e começam a bater no homem na região do estômago. Depois de um tempo, ele vai ao chão, agonizando com as capsulas estourando em seu corpo provocando uma overdose em sua corrente sanguínea. O homem morre ao mesmo tempo em que **PETER** retorna a cena.*

PETER– Feito senhor. Coloquei a criança dentro de um saco plástico e deixei no lixo.

*Neste clina, com **TOM** morto no chão, **ELLEN** se esvaindo em lágrimas na cela e **KELLY** desmascarada e algemada a cena termina.*

CENA 07 – ENTREGANDO OS PONTOS.

*Ouvimos o instrumental de uma canção. **KELLY** e **ELLEN** estão no centro do palco. A conversa entre as duas será definitiva e assertiva.*

ELLEN– Você acreditou mesmo na personagem.

KELLY– Ela me deu coragem para “ser”.

ELLEN– Os atores dizem que os personagens ensinam.

KELLY– A arte torna a visa mais suportável. *(TEMPO)* Eu só queria uma oportunidade.

ELLEN– E eu uma chance para recomeçar. *(TEMPO)* Eu gostaria de ter segurado o meu bebê. Você cuidou bem dele?

KELLY– Fiz do jeito que você me pediu. O seu filho é um anjo. Não chorou durante toda a viagem e se comportou muito bem.

ELLEN– Me desculpa...

KELLY– Pelo que?

ELLEN– Por não te fazer chegar à cidade das esmeraldas.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– Sonhos não se realizam se a gente não tiver sorte. Mas um dia eu chego lá. *(TEMPO)* A raça humana mata, fere, maltrata; sem uma real necessidade. Simplesmente por pura maldade, por ambição, raiva, poder. Os cães nunca machucam só os humanos. Acho que estão dando a vacina contra a raiva na raça errada.

ELLEN– O ser humano é implacável quando pensa em si mesmo.

Um tempo se estabelece entre elas.

KELLY– O que vai acontecer com você?

ELLEN– Eu não sei. Eu ferrei com a sua vida, agora alguém vai ferrar com a minha.

KELLY– No meio de tantas garotas, por que eu?

ELLEN– De todas, você era a mais forte.

KELLY– Na vida é preciso ter muito cuidado com o que ouvimos. Há mentiras cativantes e verdades sem graça. Isso costuma confundir a razão.

Dois guardas aparecem para buscar as duas. Eles algemam as mulheres. ***KELLY*** *dispara com doçura antes de sair.*

KELLY– "Pobre menina, eu espero que você chegue bem em casa". *(EXPLICA)* O professor Marvel diz isso para Dorothy antes dela voltar para a fazenda, voar com a casa num tornado e parar em Oz. Ele previu a tempestade que estava por vir na vida dela. *(TEMPO)* Boa sorte.

ELLEN– Para você também!

Os dois guardas levam ***KELLY*** *e* ***ELLEN*** *para fora da cena.*

CENA 08 – A CONDENAÇÃO BRUTAL OU NÃO HÁ JUSTIÇA JUSTA.

Ouvimos o instrumental de uma música. Uma inscrição projetada indica ao público que estamos em "A CONDENAÇÃO". ***TOM****,* ***NICK****,* ***O NOVATO*** *e* ***STANLEY*** *aparecem em cena vestidos com seus figurinos da lanchonete. Eles darão seus depoimentos sobre o crime do fast-food. Todos estão posicionados de frente para fazerem o juramento.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

TODOS– Juro pela minha honra dizer toda a verdade e só a verdade.

Os depoimentos começam.

STANLEY– Eu fui morto pela Kelly num dia de trabalho. Ela chegou atrasada e eu fui adverti-la, mas ela não reagiu bem. O Nick pode...

NICK– *(CORTANDO)* Eu não me lembro!

STANLEY– Mas o novato se lembra, não é?

NOVATO– Ok, obrigado!

STANLEY– Em seguida eu questionei o Nick e a Kelly, sobre um anel que havia sumido inexplicavelmente. Não foi novato?

NOVATO– Ok, obrigado!

STANLEY– Eu sempre fui um bom gerente e jamais pretendia manchar a reputação da rede. Mas havia um ladrão entre nós. Não é Tom?

TOM– Foi então que eu apareci para tirar a Kelly de lá. Eu sugeri que ela fosse tentar a vida fora da lanchonete e deu no que deu.

STANLEY– Eu tinha demitido você um dia antes...

TOM– *(CORTANDO)* Cala a boca Stanley!

STANLEY– Não foi novato?

TOM– Por que você não conta o que aconteceu um dia antes na lanchonete?

STANLEY– Eu já estou morto.

TOM– Eu também!

NICK– Vocês abusaram sexualmente dela.

STANLEY– Inclusive você!

NICK– A seu pedido.

TOM– Eu fui o último.

STANLEY– Isso não muda o que aconteceu.

TOM– A Kelly voltou ao fast-food sedente por vingança. E sabe o que eu acho? Que ela tinha esse direito.

STANLEY– E por que eu fui a vítima?

TOM– Talvez por que você tenha sido o mentor do estupro.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

NICK– Nós três pagamos pelo aconteceu. Então eu decidi fazer a denúncia anônima. Eu liguei para a polícia e disse: “eu sei quem matou o gerente do fast-food”. Eles me interrogaram e me pediram para vigiar os passos da Kelly. Quando ela foi presa na fronteira, eu também fui acusado como cumplice do crime. Não foram só vocês que se ferraram. Eu fui mandado para um reformatório. *(EMENDA)* Eu me matei na cadeia, me enformei com um cinto. *(TEMPO)* A justiça foi feita!

***KELLY** é trazida por dois policiais que a colocam em frente a um painel utilizados para medir presos. A mulher está com um macacão laranja (usados na América). Ouvimos um áudio do **FRED SILVEIRA** dando a sentença da mulher.*

FRED– Pelos crimes de: falsidade ideológica, receber e aceitar dinheiro da máfia para transportar drogas num cadáver de um bebê e assassinar friamente o seu gerente a facadas, esquartejar o seu corpo e fazer hambúrguer; os Estados Unidos da América sentenciam a ré: Kelly Janine Braga a pena de morte por injeção letal. Ela aguardará na penitenciária de Emerald City até o dia da sua morte.

Neste clima a cena termina com todos em suas posições.

CENA 09 – MEU NOME VAI BRILHAR NUM LETREIRO DA BROADWAY.

***KELLY** é colocada dentro da sua cela. Dois guardas acompanham a moça e ficam à paisana para cuidar da segurança do presidio de Emerald City. Um áudio é ouvido com o instrumental dos Estados Unidos da América à medida que modificam o cenário. Tudo está silencioso! **KELLY** tira de dentro seu macacão uma foto do **FRED SILVEIRA** que está amassada, mas ela conseguiu manter consigo. Ela abre com delicadeza.*

KELLY– Eu consegui Fred, eu estou na América! Eu disse que um dia todos iriam se lembrar de mim, não disse?

*A luz de modifica dando a sensação de estarmos novamente em um número musical. A cela de **KELLY** começa a girar lentamente num movimento de cento e oitenta graus. Os dois guardas abrem a porta da cela para a mulher sair.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

KELLY– Obrigada homem gentil!

Outros guardas aparecem um após outro.

KELLY– Puxa! Eu tenho uma legião de fãs. Mas é uma pena que este seja o número final.

GUARDA DO PRESÍDIO 1– Foi o seu sonho que te trouxe até a América?

KELLY– Sim!

GUARDA DO PRESÍDIO 2– Conta para gente como foi a experiência de sair de uma vida horrível e chegar até aqui...

TODOS– Na Broadway!

GUARDA DO PRESÍDIO 3– Quais serão as suas últimas palavras?

GUARDA DO PRESÍDIO 4– Mas tudo isso não te custou muito caro?

KELLY– Só me custou a vida!

*Os guardas festejam e se aproximam para pedir autógrafo para **KELLY**.*

GUARDAS DO PRESÍDIO 1 e 3– Por favor Kelly, me dá um autógrafo.

GUARDAS DO PREÍSIDIO 2 e 4– Eu também quero, senão for incomodar.

KELLY– Não é incômodo nenhum, afinal eu sou uma estrela.

TODOS– Igual a Kelly não há!

*Ouvimos o instrumental da canção **MARCADA PARA SEMPRE**. Este número será feito para potencializar a catarse de um musical da Broadway. **KELLY** e os guardas farão este número como num show. Leques, plumas e casacos podem ser utilizados nesta coreografia.*

BROADWAY **[TODOS]**
NÃO HÁ TORTURA MAIOR
QUE A ANGÚSTIA
DE SER QUEM NÃO É
NO PALCO DA VIDA

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AS DORES SÃO MARCAS
QUE FEREM SEM DÓ
FUGIR, CORRER,
ESCAPAR, SUMIR
FANTASIAR PRA NÃO SENTIR
ILUDIR PRA NÃO SE FERIR
O DRAMA SE FUNDE
COM A VIDA REAL
SÃO MARCAS PROFUNDAS
QUE FEREM EM SÓ
MENTIR PRA SI MESMO
É UM VENENO FATAL
COMO UM PESADELO
DE DRAMA REAL
COMO NUM SHOW
DA BRODAWAY
AS DORES SE CAMUFLAM
ENTRE LUZES E PLUMAS
UMA COMBINAÇÃO FATAL
AS DORES SE CAMUFLAM
ENTRE FARSAS E SONHOS
UMA COMBINAÇÃO MORTAL
COMO NUM SHOW
DA BROADWAY
BRODWAY! BROADWAY!

Antes de terminar a canção um letreiro desce do urdimento com a inscrição "KELLY" com lâmpadas fortes acendendo, piscando letra por letra: como se finalmente mesmo diante do delírio ou da ideia da morte próxima, a moça tivesse conseguido atingir a glória.

"Não prometo um final feliz, pois não quero que tenha fim".

SÃO PAULO, MAIO DE 2017.

CONSULTE DIREITO AUTORAL